

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**Adriano Galdino do Vallo**

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE JIU-JITSU DAS ACADEMIAS DE  
GINÁSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA

JOÃO PESSOA/PB  
2017

**Adriano Galdino do Vallo**

**A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE JIU-JITSU DAS ACADEMIAS DE  
GINÁSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Seminário de Monografia II como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Educação Física, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof. Dra. Laíse Tavares Padilha Bezerra Gurgel de Azevedo

JOÃO PESSOA/PB  
2017

## Ficha catalográfica

V175f Vallo, Adriano Galdino do.

A formação dos professores de jiu-jítsu das academias de ginástica na cidade de João Pessoa / Adriano Galdino do Vallo. -- João Pessoa, 2017.

68f.: il. -

Orientadora: Laíse Tavares Padilha Bezerra Gurgel de Azevedo.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Lutas. 2. Educação física. 3. Escola de ofício.

**ADRIANO GALDINO DO VALLO**

**A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE JIU-JITSU DAS ACADEMIAS DE  
GINÁSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laíse Tavares Padilha Gurgel de Azevedo**  
**Orientador / UFPB**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Barbosa da costa**  
**Examinador / UFPB**

---

**Prof.<sup>o</sup> Dr. Felipe Ferreira da Costa**  
**Examinador / UFPB**

**CONCEITO FINAL:** \_\_\_\_\_

**JOÃO PESSOA/PB**  
**2017**

Dedico este trabalho a Deus que nunca esqueceu de mim, dando força para que pudesse realizar mais um sonho. Aos meus pais que realizam um sonho de ter todos os seus filhos formados. Aos meus irmãos que contribuíram na minha formação. E a minha noiva por estar sempre ao meu lado.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por estar presente na minha vida em todos os momentos, ajudando-me a superar todos os obstáculos.

Aos meus pais, **Maria das Dores e Anacleto Manuel** pela educação pelo carinho e palavras de incentivo.

Aos meus irmãos, **Mário Vallo e Janaína Vallo**, que sempre incentivavam a buscar e acreditar nos meus sonhos.

Ao meu amor, **Nenila Almeida**, por ajudar na realização de um sonho, pelas palavras de conforto e incentivo quando precisei, pela sua força de vontade sempre encorajando-me demonstrando continuamente ser uma mulher guerreira, e por vários momentos de alegria ao seu lado.

Aos meus **amigos**, que entenderam minha ausência e me incentivaram a prosseguir, me dando força em todos os momentos, acompanhando passo a passo da minha caminhada, erguendo a mão sempre que precisei. Pelos momentos de descontração e conversas desde os longos anos de amizade.

A professora orientadora, **Laise Tavares** que dedicou seu tempo sempre com muita paciência e disponibilidade, contribuindo na minha realização profissional e em especial, na realização deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, e que talvez nem saibam o quão foram importantes para sua conclusão.

“Quando verificares, com tristeza, que não sabes de nada,  
terás feito teu primeiro progresso no aprendizado”.

**Jigoro kano**

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso constitui-se numa pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Este teve como objetivo: analisar como acontece a formação dos professores de jiu-jitsu das academias de ginástica da Cidade de João Pessoa. A realização deste tem como justificativa a necessidade de compreender como ocorre a formação dos professores que ministram o referido conteúdo, tendo em vista que a partir das experiências vivenciadas como praticante observou-se que, em sua grande parte, os professores não detinham a formação acadêmica em Educação Física. Diante disto surgiu o questionamento do porquê da existência desse déficit no que concerne ao tema em questão, uma vez que a formação científica auxilia as aulas/treinos. Como embasamento teórico para construção do presente trabalho tomou-se como referência diversos autores, tais como: Santos (2012), Cartaxo (2011), Maçaneiro (2013), Drigo (2010), entre outros. Como procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa foram escolhidas seis academias, as quais encontravam-se nas proximidades ou da residência do pesquisador ou da Universidade Federal da Paraíba. Nestas foram aplicados questionários semiestruturados com seis professores de jiu-jitsu, os quais obedeceram a um critério de inclusão que foi ser no mínimo faixa-preta. Após a captação dos dados seguiu-se com a organização destes em tabelas e quadros e, posteriormente, a análise de conteúdo dos depoimentos dos entrevistados. De acordo com o resultado obtido pelo questionário percebeu-se que apenas um dos seis professores participantes tinha formação em Educação Física, desta forma, os demais eram formados por escolas de ofício. Entretanto, os cinco relataram em suas respostas que sua formação/anos de prática foi suficiente para ministrar o conteúdo. Desta forma, após análise dos dados, percebeu-se que, embora as escolas de ofício tenham uma função relevante na formação, se faz necessário que esta esteja associada à teoria encontrada na formação científica. Destarte, entende-se que esta pesquisa servirá como embasamento teórico para futuras pesquisas e, também, para professores e alunos que desejem um maior aprofundamento no tema em questão.

Palavras-Chaves: Lutas. Educação Física. Escolas de Ofício.

## ABSTRACT

The present work of conclusion of course is constituted in an exploratory research with a qualitative approach. The purpose of this study was to analyze how the training of jiu-jitsu teachers in the gymnastics academies of the city of Joao Pessoa happens. The realization of this practice has as justification, the need of understanding how the training of Jiu-jitsu teachers occurs, considering that from the experiences lived as a Jiu-jitsu athlete it was observed that, most of the time, the teachers did not have an academic training in Physical Education. Faced with this, the question arose as to the existence of this deficit in relation to the subject in question, since the scientific training assists the classes / trainings. As a theoretical basis for the construction of the present study, several authors were used as reference: Santos (2012), Cartaxo (2011), Marçaneiro (2013), Drigo (2010), among others. As methodological procedures for the development of the research were chosen six academies, which were located in the vicinity or the residence of the researcher of the Federal University of Paraíba. Six semi-structured questionnaires were applied with six jiu-jitsu teachers, who obeyed an inclusion criterion that was at least a black belt. After the data collection, it was followed by the organization of these in charts and tables and, subsequently, the content analysis of the interviewees' statements. According to the result obtained by the questionnaire it was noticed that only one of the six participating teachers had Physical Education training, in this way, the others were formed by public schools. However, the five reported in their responses that their training / years of practice was sufficient to deliver the knowledge. Thus, after analyzing the data, it was noticed that, although the vocational schools have a relevant function in the formation, it is necessary that this is associated with the theory found in the scientific formation. Thus, it is understood that this research will serve as a theoretical basis for future research and also for teachers and students who wish to deepen the subject in question.

Keywords: Fights; physical education; Craft Schools

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 01 – Jigoro Kano.....</b>	<b>19</b>
<b>FIGURA 02 – Família Gracie.....</b>	<b>25</b>
<b>FUGURA 03 – Sistema de Graduação .....</b>	<b>44</b>
<b>QUADRO 01 – Dados pessoais dos professores .....</b>	<b>42</b>
<b>TABELA 01 – Formação dos professores de jiu-jitsu .....</b>	<b>47</b>
<b>TABELA 02 – Conhecimento científico na atuação dos professores .....</b>	<b>49</b>
<b>TABELA 03 – Conhecimento sobre gestão de treino .....</b>	<b>51</b>
<b>TABELA 04 – Processo metodológicos .....</b>	<b>53</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. O PROCESSO HISTÓRICO DO JIU-JITSU .....</b>	<b>14</b>
1.1 As lutas em seu contexto histórico.....	14
1.2 A influência de Jigoro Kano e do judô para o surgimento do jiu-jitsu .....	19
1.3 O jiu-jitsu no Brasil: contribuição da família Gracie.....	23
<b>2. DAS ESCOLAS DE OFÍCIO AO MODELO ACADÊMICO: OLHARES PARA A FORMAÇÃO PROFISIONAL EM ARTES MARCIAIS .....</b>	<b>26</b>
2.1 As escolas de ofício .....	26
2.2 A formação acadêmica.....	30
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>38</b>
<b>4. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE JIU-JITSU DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA DE JOÃO PESSOA.....</b>	<b>41</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE B – Questionário de entrevista com os professores.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO - Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa.....</b>	<b>67</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A luta configura-se uma prática histórica que está ligada à vida do homem desde os primórdios, onde este tinha que lutar visando sua sobrevivência, como também a disputa pelo território e pela fêmea. Contudo, de acordo com o contexto em que a palavra luta está sendo empregada, esta exprime significados distintos, como descrito na citação de Luft (2000, *apud* RUFINO, 2010, p.17):

O dicionário Luft (2000) define o ato de lutar (do latim *luctari*) como: “combater/ pelear, brigar/ disputar, competir/ trabalhar arduamente, esforçar-se, empenhar-se”. Já o substantivo luta é definido como “ação de lutar/ qualquer combate corpo a corpo/ guerra, peleja/ antagonismo/ esforço, empenho” (LUFT, 2000, p. 431). Ou seja, a palavra luta recebe diferentes significados, de acordo com o contexto na qual é empregada, possibilitando várias possibilidades de uso.

No contexto o qual o referido trabalho foi pautado, adotou-se o significado de luta como sendo o de combate corpo a corpo, visto que o jiu-jitsu é uma arte marcial que ocorre entre dois atletas.

Contudo, observa-se que durante a antiguidade até os dias atuais as lutas passaram por algumas modificações, desde a preparação para guerra, onde lutava-se contra o outro, até sua prática enquanto esporte, enaltecendo valores como respeito e disciplina. Atualmente, na perspectiva educativa das lutas, Cartaxo (2011, p. 16) diz que “A luta como maneira de educar a criança modifica a palavra **contra**, que é substituída pela palavra **com**, não tendo que lutar contra, e sim com o outro.” (negritos do autor). Desta forma podemos perceber a existência de um companheirismo entre os praticantes, ou seja, um depende do outro para aprender.

Diante do exposto o referido trabalho de conclusão de curso (TCC) partiu da inquietude de analisar a formação dos professores de jiu-jitsu das academias de ginástica da Cidade de João Pessoa, visando compreender a dinâmica de ensino destes na aplicação do conteúdo durante as aulas como também a origem da sua formação, se esta foi de cunho científico/acadêmico ou por escolas de ofício. A escolha se deu, também, devido as experiências vivenciadas enquanto praticante das artes marciais. Nesta vivência foi percebido que a maioria dos professores possuíam sua formação pelas escolas de ofício e não pela graduação em Educação Física.

No que tange às escolas de ofício e a formação profissional, foram utilizados como embasamento teórico, autores tais como: Drigo, Rugil, Carvalho, entre outros. Já

no que concerne ao resgate histórico das lutas, a chegada do jiu-jitsu ao Brasil e sua evolução, utilizou-se das obras de autores como: Santos, Cartaxo, Maçaneiro, dentre outras fontes.

Para um entendimento mais satisfatório sobre o presente trabalho, o mesmo encontra-se estruturado em quatro capítulos, a seguir:

O **primeiro capítulo** fará um relato sobre o contexto histórico do jiu-jitsu como também das lutas, apontando questões referentes ao seu surgimento, suas transformações ao longo do tempo. Traz ainda a influência de Jigoro Kano e do judô para o surgimento do jiu-jitsu, e a contribuição da família Gracie para o jiu-jitsu no Brasil.

No **segundo capítulo**, será explanado a respeito da formação pelas escolas de ofício como também através do modelo acadêmico. Mostrando as particularidades de cada uma.

Já no **terceiro capítulo** apresentaremos os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da referida pesquisa, dados dos entrevistados, tipo de pesquisa, quantidade de entrevistados, instrumentos utilizados, entre outras questões relacionadas à metodologia.

No **quarto** e último capítulo, apresentaremos a análise dos dados e os resultados obtidos no que tange à formação dos professores de jiu-jitsu das academias de ginástica de João Pessoa.

Por fim, seguem as considerações finais deste estudo, que não se esgota com o fechamento deste trabalho, uma vez que os resultados a serem apresentados poderão contribuir para estudos futuros. O trabalho se encerra com a exposição das referências bibliográficas, dos anexos e apêndices.

## 1. O PROCESSO HISTÓRICO DO JIU-JITSU

### 1.1 As Lutas em seu Contexto Histórico

O homem ao longo de sua existência apresenta um contato com a luta corporal. Esse meio de combate era realizado visando à sobrevivência para disputar a fêmea e com o passar do tempo essas lutas eram travadas em prol de demarcar o seu território, como destaca Rufino (2012)

Em relação à luta pela existência, desde os homens mais rudimentares observa-se que eles tinham que lutar para sobreviver. Estes movimentos eram aprendidos por meio de imitação, e foram desenvolvidos pelo método de tentativa e erro, pois não havia um treinamento consciente e sistemático, centrando-se nas atividades de atacar e defender-se (p. 31).

A “Luta” faz parte da cultura da humanidade e sua história está impregnada pelos sentidos e significados que lhe atribuem os homens durante o percurso histórico. Ainda com relação à origem das lutas, Cartaxo (2011) ressalta que:

As lutas apareceram na história dos povos orientais há aproximadamente 5.000 anos a.C. Dados registraram os conhecimentos de lutas entre monges indianos que viveram nesse período e, através da disciplina estabelecida por eles, desenvolveram rituais semelhantes à dança e observações dos movimentos de lutas dos animais pela sobrevivência. Daí originou-se o combate à mão desarmada (p.115).

Dessa forma, pode-se observar que as lutas são provenientes de tempos bem remotos, e foi se desenvolvendo cada vez mais até chegar ao que temos nos dias atuais. Destacamos ainda que durante esse desenvolvimento surgiram diversas modalidades, tais como: judô<sup>1</sup>, karatê<sup>2</sup>, taekwondô<sup>3</sup>, muay thai<sup>4</sup>, jiu-jitsu<sup>5</sup>, entre outras.

---

<sup>1</sup> Judô: Significa “caminho suave”. Estilo de arte marcial esportiva de origem japonesa;

<sup>2</sup> Karatê: Significa “caminho das mãos vazias”. É uma arte marcial desenvolvida a partir do kenpô chinês e tem como golpes predominantes pontapés (chutes), socos, joelhadas e cotoveladas;

<sup>3</sup> Taekondô: Significa “caminho dos pés e das mãos”. É uma arte marcial coreana que surgiu há 2000 anos;

<sup>4</sup> Muay thai: significa "arte marcial tailandesa". É uma arte marcial originária da Tailândia - também conhecida como Boxe Tailandês - e atualmente praticada como esporte em vários países

<sup>5</sup> Jiu-Jitsu: Significa “arte da suavidade”. É uma arte marcial japonesa que utiliza uma série de diferentes técnicas e golpes corporais com o objetivo de derrotar ou imobilizar o oponente.

Santos (2012) afirma que:

[...] os homens na pré história, utilizavam meios de combate corporais para sua sobrevivência; com o tempo, as adversidades ambientais e a luta pela posse da fêmea foram superadas, surgindo disputa por territórios com caça abundante (p.25).

Podemos perceber que a luta corporal se fez presente em momentos que marcaram a construção da humanidade, possibilitando o prolongamento de sua existência. Sendo assim, a luta desenvolveu-se na mesma proporção que o homem, e os motivos que as originaram mudaram com o tempo, porém, os combates na sua maioria apresentam alguns princípios fundamentais, tais como: atacar, defender e controlar.

No que concerne à origem das lutas, Medeiros (2013) relata que:

A luta entendida como um fenômeno social se caracteriza como uma prática corporal construída historicamente pelo homem [...] ao longo da história da humanidade através de hábitos culturais de diferentes povos e etnias (p.22).

Segundo Augusto (2007), as lutas que nos dias atuais são praticadas no Brasil, sofreram um processo de importação com culturas e filosofias diferentes, com isto ela não se torna apenas um combate, mais sim a porta de conhecimento para o seu país de origem.

Ainda no que tange à origem das lutas, Sigoli e Júnior (2004) dizem que:

Os jogos gregos tinham caráter predominantemente religioso, neles eram homenageados os Deuses do Olimpo. Os Jogos Olímpicos significaram o intercâmbio cultural entre as cidades-estados gregas e eram realizados para celebrar a paz entre os povos gregos. Na História de Roma surgiram os Jogos Públicos, configurados em grandes espetáculos realizados nos circos e anfiteatros, onde ocorriam corridas de bigas, lutas entre gladiadores, combates com feras e execuções (p.112).

As histórias sobre lutadores vêm evoluindo desde os tempos antigos e ultrapassam gerações, enaltecendo feitos heroicos como a grande façanha de Davi que matou Golias. Observamos que em textos bíblicos já apareceram duelos que marcaram os milênios. Assim, devido a imensa geografia do território mundial, torna-se inviável estabelecer um local e data precisos para o surgimento do jiu-jitsu, desta forma, para alguns autores sua origem é duvidosa.

Ferreira (2006, p. 38) diz que “a origem das lutas e artes marciais continua sendo uma incógnita”. Isso demonstra que cada povo tinha sua maneira de lutar, os gregos chamavam a sua de “pancrácio<sup>6</sup>” esta se fez presente nos primeiros jogos olímpicos, como também os gladiadores romanos que praticavam duelos.

Corroborando com a ideia acima, Franchini (2006) diz que:

Em tempos de paz, parte dessas técnicas foi ligeiramente modificada para formas mais amenas de combate, as quais poderiam ser praticadas com segurança e ainda assim manter os indivíduos treinados, algo muito importante se considerada a possibilidade de seu uso no campo de batalha. Nesse processo, várias dessas técnicas passaram a ter características de “jogos”, com regras específicas, que atraíam o público por seu caráter espetacular, como ocorria com os Jogos disputados em Olímpia e os jogos públicos com gladiadores em Roma (p.717).

Segundo Santos (2012) é possível notar que em toda sociedade organizada existe evidências da existência de alguma forma de luta, seja essa de atividades para sua defesa ou de caráter folclórico. O mesmo destaca que “dentre os mais conhecidos e ainda presentes em nossa cultura (por meio de filmes, livros, etc.) estão os samurais do Oriente e os espadachins do Ocidente, na Idade Média, com seus códigos de honra”. Códigos estes que enaltecia questões tais como respeito, humildade, fraternidade, entre outros valores primordiais para a formação de um guerreiro.

Contudo, Alves Jr (2001, p. 77 *apud* FERREIRA 2006, p. 38), relata que:

Remontando entre os anos 3000 e 1500 a.C., os sumerianos deixaram imagens de três duplas de lutadores representando diversas fases de uma luta, com características que D. Palmer e M. Howell (in Blanchard, Chelska) consideraram como sendo, “uma das provas mais antigas” do que hoje entenderíamos como atividade de luta. Outras evidências de práticas de lutas também foram encontradas em outras culturas, através dos desenhos encontrados dentro da tumba egípcia de Beni Hassan (Henares, 2000) e também em Creta, por volta de 2000 a.C. (Blanchard e Chelska).

Uma questão que dificultou os escritos a respeito da origem e modificações pelas quais a luta passou durante seu surgimento até os dias atuais, foi devido às histórias, técnicas e tradições serem passadas de mestre para aluno tradicionalmente de

---

<sup>6</sup> O pancrácio é um tipo de luta no solo realizada nos jogos olímpicos da antiguidade, em que o nível de violência permitido era muito diferente do que era permitido hoje.

forma oral, não existindo assim registros teóricos como textos. Como podemos observar na citação de Stevens (2007)

Nas aulas, o ansioso Kano importunava Fukuda lhe pedindo explicações detalhadas sobre cada técnica – a exata posição de mãos e pés, o correto ângulo de entrada, a adequada distribuição do peso, e assim por diante -, mas em geral o mestre dizia apenas “venha cá” e atirava Kano ao chão rapidamente, até que o aluno curioso adquirisse o conhecimento prático da técnica por meio da experiência direta (p.17)

Sendo assim, é notório que a origem das lutas foi de fundamental importância, uma vez que estas auxiliaram trabalhando a todo o momento corpo e mente, estabelecendo, dessa forma, um ser mais equilibrado psicologicamente e com uma melhor leitura da realidade, como podemos observar na citação de Santos (2012):

As artes não se resumem somente em técnicas, elas também ensinam aos seus praticantes disciplina e valores, com respeito e cidadania, a filosofia que geralmente acompanha sua prática, e, acima de tudo, e mais importante, o respeito ao próximo, pois sem ele não haverá a prática do esporte, tornando a convivência com o grupo uma condição fundamental para desenvolver a atividade de lutar. Ao contrário do que muitos pensam, as artes marciais auxiliam no processo educativo de autocontrole e na formação do caráter de seus praticantes, tornando-os perseverantes, com a autoestima positiva e altamente seguros de sua capacidade de poder vencer sem ter medo de perder (p. 36).

O respeito, é sem dúvida, um dos pontos primordiais da prática das lutas, tendo em vista que seus praticantes aprendem desde a primeira aula a reverência para com seu professor e colegas, o respeito pelo dojô (local de treinamento) e pela cultura trazida pela prática.

Podemos perceber assim que as diversas formas de lutas não estão sintetizadas apenas no desenvolvimento de técnicas, uma vez que seus praticantes adquirem valores filosóficos e morais aprimorando o respeito com o próximo e agindo na formação de cidadãos. Aprender a conviver em grupo e respeitar os limites dos indivíduos é uma condição fundamental para conviver em sociedade. No que se refere ao respeito ao próximo na prática das lutas Cartaxo (2011, p. 16) diz que: “sempre que desenvolve o conhecimento da técnica, é necessário também desenvolver o respeito e o caráter, seja esse praticante de Karatê, Judô, Taekwondô, Jiu- jitsu, Aikidô, entre outras modalidades de lutas”.

A luta como prática esportiva propende integrar o cidadão à sociedade. Esta integração se dá através de uma série de construções de situações com bases técnicas, sociais e legais. Cabe ressaltar que para a prática de lutas é necessário que o indivíduo ao desenvolver sua parte técnica adquira juntamente à prática um embasamento teórico, histórico e filosófico sobre a luta e suas técnicas, para que assim ele não venha a deferir golpes ou imobilizações agressivas que possam vir a machucar seu colega de treino, desta forma, cada vez mais, ambos irão interagir e relacionar-se socialmente.

Dessa forma, pode-se concluir o quanto a luta foi e é de extrema relevância para a formação do homem como ser social. Contribuindo ainda para que estes pudessem adquirir táticas que auxiliaram na sua sobrevivência, uma vez que, foram obrigados a viver da caça por longos anos.

Embasando-se por Rufino e Darido, (2009 p. 7), “Kano instituiu o que chamou de *randori* que pode ser traduzido como treino a dois, o treino real”. Nesse método de treinamento o aluno ficava mais próximo da situação real de luta, pois o seu adversário lhe opunha uma determinada resistência. Diferentemente do que se via nos katas que se caracterizavam como coreografias e encenações, ou seja, o oponente não apresentava a resistência verdadeira de um combate.

Segundo Gracie e Gracie (2003 *apud* RUFINO e DARIDO, 2009, p. 7), “esse treinamento ao vivo desenvolve muito maior agilidade física, mental e maior velocidade preparando os alunos para os movimentos cansativos e imprevisíveis do combate real”.

Naquela época o ju-jutsu perdeu um pouco sua popularidade devido alguns golpes serem muito violentos, tais como: dedo nos olhos, chutes na virilha, puxões de cabelo, dentre outros golpes originados da necessidade de se defender em alguma guerra. Mediante a agressividade de tais golpes, Kano viu a necessidade de realizar algumas adaptações no ju-jutsu clássico japonês, inovando a forma de ensinar as técnicas. Com a retirada dos golpes violentos seria possível a realização do *randori* com pequenas probabilidades de ocorrerem lesões, isto fez com que o esporte se popularizasse mais, contribuindo assim para o formato que conhecemos hoje. Desta forma muito mais pessoas poderiam aderir ao esporte e a conseqüente evolução do mesmo aconteceria mais rapidamente.

Jigoro Kano almejava que o judô viesse a se tornar uma prática universal, desta forma, passou a formar vários alunos que viajariam ao redor do mundo disseminando seus ensinamentos. Um dos seus alunos que teve extrema relevância para a propagação da arte foi Mitsuyo Maeda, conhecido como Conde Koma.

Segundo a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (2017), alguns mestres migraram do Japão para outros continentes, e entre eles estava Maeda, o qual chegou ao Brasil em 1915, depois de viajar com uma trupe lutando em vários países da Europa e das Américas.

## 1.2 A influência de Jigoro Kano e do judô para o surgimento do jiu-jitsu.

De acordo com Stevens (2007), Jigoro Kano nasceu em 28 de outubro de 1860, em Mikage. Filho de Mareshiba e Sadako, cuja linhagem familiar estendia-se até os primórdios da história japonesa, cresceu com os irmãos em meio ao luxo. Embora as circunstâncias da sua infância fossem invejáveis, sua criação foi austera e disciplinada. Com a morte de sua mãe, em 1869, Kano mudou-se com a família para Tóquio e foi matriculado na Seitatsu Shojuku, uma escola particular dirigida pelo intelectual Keido Ubukata. Foi aí então que o jovem começou a ouvir do ju-jutsu<sup>7</sup>.

Figura 1- Jigoro Kano



Fonte: [judolandia.tripod.com](http://judolandia.tripod.com)

---

<sup>7</sup> Existem várias escolas que fazem coisas bem diferentes mas compartilham o nome ju-jutsu, enquanto outras fazem as mesmas coisas usando nomes diferentes. Além disso, existem uma grande variedade de técnicas, como o estrangulamento, a torção de braço, o chute, o empurrão, o arremesso, e tudo isso fica sob o nome coletivo de ju-jutsu.

No que se refere ao termo jujutsu ou jiu-jitsu Maçaneiro (2012) diz que:

O termo “jujutsu” comumente se refere ao estilo japonês, enquanto “Jiu-Jitsu” à arte marcial desenvolvida pela família Gracie, entretanto Takao (2010) afirma que isso não é correto. Na transcrição dos ideogramas japoneses para a escrita em caracteres romanos, adota-se o sistema Hepburn que representa os sons do idioma japonês utilizando o alfabeto latino. Esse processo de ocidentalização da escrita japonesa pode por vezes criar uma confusão linguística sem reproduzir com fidelidade a fonética japonesa. Desta forma podem-se compreender as dificuldades e diferenças entre a transcrição idiomática da terminologia Jiu-Jitsu, que dependendo do país e cultura pode variar de forma, tais como: Ju Jutsu, Ju Jitsu, ou Jiu-Jitsu, Apesar destes desacordos, todas essas terminologias representam um mesmo significado (p.10).

Nesta escola Kano era submetido a vários trotes por alunos mais velhos. De princípio ele não conseguiu praticar a referida arte marcial, portanto, ele resolve fortalecer seu corpo com outro esporte introduzido no Japão.

Segundo Virgílio (1986, apud ROSA, 2010 p. 54)

O professor Jigoro Kano teve, inicialmente, um treinamento de jiu-jítsu por dezessete anos com o mestre Fukuda da Escola Coração de Salgueiro. Também treinou com mestre Iso e Likugo. Buscou conhecimento em outras escolas, que permitiram formar o conjunto de técnicas, regras e princípios que, mais tarde, formataram o judô.

Segundo Stevens (2007 p. 22) “Kano graduou-se em 1881 e permaneceu ali por mais um ano para estudos suplementares”. No ano seguinte mudou-se para Tóquio, onde aos 22 anos fundou o Kodokan, “Instituto para o Estudo do Caminho”. Esta escola foi a primeira e a mais tradicional escola de judô do mundo.

Segundo Rufino e Darido (2009),

Jigoro Kano foi um empreendedor, um visionário e um homem muito influente. Ele tornou-se um grande conhecedor de vários estilos de jiu jitsu diferentes, além de ter ensinado a prática do jiu jitsu por muito tempo. Porém ele se deparou com alguns problemas fundamentais no ensino da prática do jiu jitsu (p. 8).

Embasando-se por Yukimitsu Kano (2008), neto de Jigoro Kano, o judô kodokan foi produto de devoção de toda a vida de Kano ao antigo ju-jutsu, foram reorganizadas todas as técnicas de maneira didática, tomando o cuidado de conservar

as suas tradições.

Kano (2008 p. 20) aponta que “após o estabelecimento do judô kodokan, em 1822, o termo ju-jutsu caiu em desuso sendo substituído pelo termo judô”.

Desta forma percebeu-se que Kano modificou a maneira de ensinar a referida arte, preservando os métodos antigos que julgava correto, descartando os que considerava errados e acrescentando novas técnicas. Corroborando com este pensamento Brousse (2001) diz que:

As mudanças são vistas em todas as fases do método de Kano. O conhecimento técnico, os modos diferentes de ensinar, a relação de discípulo/mestre, as finalidades, tem sido transformadas pelo sportification e o processo de globalização no qual o judô foi envolvido desde a fundação, em 1951, na Federação internacional de Judô. Naqueles dias, o judô passou por várias direções. Alguns viram o método japonês como uma atividade espiritual, alguns como um sistema de defesa pessoal, outros como um esporte. O judô teve que achar seu sistema próprio (p.15).

Kano buscou desenvolver princípios que ajudassem tanto no aprendizado como também no meio espiritual. Em sua trajetória buscou desenvolver princípios que auxiliassem no aprendizado de seus alunos, sempre exemplificando que à busca pelo conhecimento técnico é algo constante e a efetividade das técnicas devem ser alcançadas através da máxima eficiência com o mínimo de esforço prezando sempre pelo bem estar mutuo. Princípios este que gerenciam o aprendizado do judô.

Kano (2008) quanto ao que se refere à palavra judô destaca que essa é muito utilizada nos dias de hoje, mas antigamente não tinha muito uso, contudo já existia em Izumo<sup>8</sup> um estilo de ju-jutsu chamado chokushin-riu que os praticantes chamavam de judô chokushin-riu.

Segundo Kano (2008, p.11) “o objetivo da prática do judô era o aperfeiçoamento físico, mental e moral e o uso desses poderes influenciava para o bem da sociedade”. Como também que uma atividade física deveria servir, em primeiro lugar, para a educação global dos praticantes, e não ter como único objetivo a vitória, como acreditavam os cultores profissionais do ju-jutsu, onde para eles o verdadeiro espírito do ju-jutsu era o shin-ken-shobu, o qual tem como tradução:

---

<sup>8</sup> Izumo foi uma antiga província japonesa que ocupa a porção leste da atual província de Shimane. Ela foi chamada algumas vezes de Unshu. A província está localizada na região de Chugoku.

vencer ou morrer, lutar até a morte.

Como o mestre Kano queria que o mundo fosse um lugar melhor para se viver o nome de sua arte teria que transparecer a sua vontade. “Ju, em japonês, significa “suavidade”, “delicadeza”, e Do quer dizer “caminho”. Assim, judô significa “caminho da suavidade” o caminho da gentileza” (KANO, 2008, p. 18).

De acordo com Brousse (2001), esquematicamente, a história do judô divide-se em três eras distintas:

- A primeira está relacionada à evolução de artes marciais no Japão feudal, onde o samurai é a figura principal;
- A segunda, da fundação do judô Kodokan, no período 1880 até a década de 1950, que viu a definição e o estabelecimento completo do judô na sociedade japonesa.
- O terceiro período começou depois da Segunda Guerra Mundial quando as competições e comitês do judô internacional começaram a funcionar (p.14).

Cartaxo (2011) relata que embora Jigoro Kano tenha sido afrontado por alguns educadores da época, ainda assim permanece firme no seu objetivo de idealizar um novo ju-jutsu, sendo este mais eficaz, muito mais prático e racional, denominado de judô, e transformando-o num poderoso veículo de Educação Física.

Ainda sobre Kano, Cartaxo (2011) aponta que:

Chamando o seu novo sistema de judô, ele pretendeu elevar o termo “jutsu” (arte ou prática) para “do”, ou seja, para caminho ou via, dando a entender que não se tratava apenas de mudança de nomes, mas que o seu novo sistema repousava sobre uma fundamentação filosófica (p. 128).

De acordo com Cartaxo (2011), foi por volta do ano de 1922 que observou-se o início do judô no Brasil, o qual foi trazido pelo conde Coma (Mitsuyo Maeda), como também era conhecido. Segundo Maçaneiro (2012), Maeda pertenceu a segunda geração de alunos da escola kodokan, sendo discípulo de um aluno de Jigoro Kano, entretanto teve também contato direto com o mestre Kano.

A primeira apresentação dele no país se deu em Porto Alegre, em seguida a arte foi sendo difundida pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, entre outros, por onde divulgou seus conhecimentos a respeito desta arte.

Embasando-se por Jazarim (1972 *apud* GUEDES 2001), embora a competição não fosse o foco do judô, a insistência dos lutadores de ju-jutsu fizeram com que os

alunos de Kano, gradativamente, fossem aceitando esses desafios e então participando desses embates competitivos.

Durante esses eventos, Kano não deixava de alertar seus atletas para que os mesmos não se deixassem envolver apenas pelo espírito de competição, pois isso poderia ter um caráter nocivo fazendo com que este esporte ameno pudesse se tornar um meio perigoso voltado exclusivamente para competição.

### **1.3 O jiu-jitsu no Brasil: contribuição da família Gracie.**

Segundo Rufino e Darido (2009) ao chegar ao Brasil, Maeda fixa-se em Belém do Pará, onde foi ajudado por Gastão Gracie, o qual detinha uma posição social de empresário. Como forma de agradecimento se ofereceu para dar aulas de jiu-jitsu ao seu filho mais velho, Carlos Gracie.

Rufino e Darido (2009) afirmam:

A partir daí, Carlos e seus irmãos, sobretudo o mais novo, Hélio Gracie, passaram a dedicar-se integralmente ao estudo e aprimoramento dessa forma de lutar. Mesmo com a mudança da família para o Rio de Janeiro eles continuaram investindo nas técnicas e fundamentos do jiu jitsu que já não era mais como aquele jiu jitsu antigo japonês (chamado de jiu jitsu clássico japonês), e sim era um “novo” denominado por eles mesmo de Gracie Jiu Jitsu ou Jiu Jitsu Brasileiro (p.9).

Embasando-se por Guimarães (1998 *apud*, ARRUDA e SOUZA 2014) o qual relata que, Carlos Gracie, após ter aprendido Jiu-Jitsu começa a ministrar aulas para seus funcionários e para seus amigos mais próximos, neste momento dar aula de jiu-jitsu torna-se a sua profissão. Dentre seus alunos estavam também seus irmãos que começaram a vivenciar as artes marciais.

De acordo com Arruda e Souza (2014), Hélio Gracie era bastante jovem quando observara seu irmão, tinha apenas 14 anos. Grande parte do seu dia era ocupado assistindo as aulas ministradas por Carlos. Em um dia de aula, Carlos atrasou-se e Hélio Gracie supriu a necessidade de um professor ministrando aula no lugar de seu irmão, aperfeiçoando, a partir daí, o Jiu-Jitsu à sua maneira. A partir deste momento surgia o que hoje chamamos de Gracie Jiu-Jitsu, ou seja, o Jiu-Jitsu brasileiro ou Brazilian Jiu-Jitsu.

Rufino e Darido (2009) relatam que, por ser fisicamente mais frágil, pela sua estatura, peso e condição física, Hélio Gracie não conseguia replicar as técnicas que ele via. Então ele passou a criar sua própria maneira de lutar jiu-jitsu, enfatizou ainda mais o sistema de alavancas dentro dos combates.

Gracie (2001, *apud* MAÇANEIRO, 2012, p. 41), em relação a nova forma de jiu-jitsu diz que:

À Hélio Gracie se atribuiu a modificação das técnicas que Carlos havia aprendido com Mitsuyo Maeda, para que se adaptassem a seu tipo físico e assim facilitando a execução dos movimentos. A essas modificações atribuídas a Hélio se confere o início da formulação do Gracie Jiu Jitsu, ou seja, o ponto em que aquilo que a família Gracie praticava começa a adquirir um formato diferente daquilo que Maeda ensinou a Carlos. Assim se distanciando ainda mais do Judô Tradicional aprendido.

Dentre as inúmeras técnicas que foram aperfeiçoadas Awi (2011 *apud* MAÇANEIRO, 2012, p. 41) diz que, “atribui o desenvolvimento da guarda no Jiu-jitsu a Hélio Gracie”. Esta técnica se caracteriza como um momento de defesa, permitindo ao lutador que está por baixo, na posição de guarda, que paralise as vantagens do oponente que está por cima.

Outros fatos que contribuíram para disseminação no jiu-jitsu pelo Brasil foram os desafios da época, que tinham o intuito de mostrar a superioridade do jiu-jitsu Gracie.

De acordo com Rufino e Darido (2009) a forma que os integrantes da família Gracie encontraram de difundir o jiu-jitsu por todo o Brasil foi comprovando a ação da referida arte em combates reais. O meio que possibilitou a divulgação desse feito eram os desafios. Esses consistiam em combates entre lutadores de outras modalidades, combates reais com pouca ou nenhuma regra e que ao final o lutador que tivesse um maior repertório técnico, pudesse mostrar a eficiência de sua arte.

Segundo Gracie (2001 *apud* MAÇANEIRO 2012, p.52) diz que o sucesso nos desafios de vale tudo se desenvolveu:

Principalmente à sua ênfase em atingir e manter uma posição de domínio a todo tempo no curso da luta. Especificamente buscando anular a principal força de adversários em outras modalidades, ou seja, levando a luta para o solo o que se tornou a especialidade da modalidade.

Com estes desafios por todo território nacional, os Gracie foram ganhando e aumentando ao mesmo tempo sua visibilidade como também o número de seguidores adeptos ao “Gracie jiu-jitsu” por consequência um maior número de alunos para sua academia. Com este fato o Rio de Janeiro torna-se um grande centro dos lutadores de jiu-jitsu, do jiu-jitsu Gracie ou jiu-jitsu brasileiro, aumentando também o número de academias.

Figura 2 - Família Gracie



Fonte: <http://edf6.blogspot.com.br/2013/08/familia-gracie.html>

Como foi visto na figura acima como também no transcorrer do capítulo, a família Gracie teve muita influência na história do jiu-jitsu e nos dias atuais desempenha um papel ainda de referência pelas escolas de jiu-jitsu do mundo. Cabe ressaltar que este primeiro capítulo é de extrema relevância para o transcorrer do referido trabalho, tendo em vista que o mesmo traz um pouco do resgate histórico das lutas, fato este que trará embasamento teórico para os capítulos posteriores.

## 2. DAS ESCOLAS DE OFÍCIO AO MODELO ACADÊMICO: OLHARES PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES MARCIAIS

### 2.1 As escolas de ofício

Uma das principais características do modelo artesanal ou escolas de ofício é que o trabalho é orientado pela experiência adquirida sobre determinada atividade ao longo do tempo. Este conhecimento é transmitido e herdado de pessoas que já detinham esta prática, repassando-a posteriormente para os novatos. Baseando-se por Silva, Neto e Benites (2009, p.876) pode-se dizer que: “ofício derivado do latim *officiu* tem por significado o cumprimento de uma obrigação a partir de um ritual já determinado (como uma espécie de dever)”. (Destaque do autor).

Com relação às escolas de ofício, Rugiu (1998 *apud* DRIGO, 2009, p.396), destaca três características principais, tais como:

1. Os aprendizes em essência aprendem fazendo;
2. Apresentam uma imagem valorizada do mestre e;
3. As atividades práticas são consideradas tão formativas do caráter quanto os estudo formais.

Embasando-se por Bettannim *et alli* (2017) pode-se dizer que o referido modelo, o qual não faz uso de conhecimentos científicos, constitui-se de tentativas e erros até que seja alcançado pelos aprendizes o resultado desejado pelo seu mestre nas atividades e objetivos propostos.

Ainda no que diz respeito a ofício Sousa Neto (2005, p.250 *apud* SILVA, NETO e BENITES, 2009, p.876) diz que:

A palavra ofício possui quase que a mesma conotação de sua origem, sendo conceituada como um “certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais”

Embasando-se por Silva, Neto e Benites (2009) no que se refere ao significado de corporações de ofício, essas tiveram sua origem no início da Idade Média como sendo uma forma de subsistência familiar, através de ensinamentos transmitidos de geração para geração de maneira oral. Silva, Neto e Benites (2009, p. 876) dizem que “as corporações de ofício podem ser compreendidas como “locais” que têm a arte como

um dever a ser cumprido, e as escolas de ofício são a maneira pela qual a arte é ensinada para que venha a se tornar um ofício”.

Cada família tinha mais domínio em determinado trabalho do que em outro, desta forma os conhecimentos para realização de tais atividades eram mantidos em segredo, sendo repassados apenas de pai para filho, o que caracterizava uma relação de mestre e aprendiz.

No que tange aos ensinamentos Rugiu (1998, p. 38 *apud* SILVA, SOUZA NETO e BENITES 2009, p. 877) relata que:

Os mercadores não tinham acesso a esses conhecimentos das corporações, pois todas as formas pedagógico-didáticas das Corporações permaneceram envoltas no próprio mistério com o qual, na época, eram tutelados os relativos procedimentos. As circunstâncias nas quais se trabalhava e se aprendiam favoreciam o segredo, principalmente o prevalecer quase absoluto da tradição oral ou intuitivo gestual (“escute as minhas palavras”, “olhe como eu faço”) [...] exatamente a ausência de textos de documentação escrita sobre a atividade produtiva interna das corporações e daquilo que acontecia dentro das oficinas, impedia de saber, ao menos até o final do século XVII, que vê uma sensível difusão da imprensa, qualquer coisa de menos genérico, sobretudo com relação aos aspectos formativos da personalidade e a instrução específica em cada Corporação.

Tomando-se ainda como referência os autores supracitados, percebeu-se que o surgimento tanto das escolas de ofício quanto das corporações de ofício tiveram suas origem de maneira simultânea, não podendo portanto separar uma da outra.

Segundo Silva, Sousa Neto e Benites (2009) estes afirmam que:

O sucesso das corporações de ofício estava justamente nos ensinamentos que eram transmitidos pelo mestre, pois eram cobertos de segredos e rituais que eram compactados somente entre indivíduos que exerciam aquele ofício, ou seja, os mestres e os aprendizes (p. 877).

Desde os primórdios pode-se observar a existência das escolas de ofício. Antes da Revolução Industrial havia uma maior necessidade de aprender um ofício e este era passado, algumas vezes, de geração para geração. No que diz respeito a essas escolas, Cunha (2000, p.2 *apud* DRIGO 2009, p. 398) considera que:

A educação artesanal desenvolve-se mediante processos não sistemáticos, a partir do trabalho de um jovem aprendiz com um mestre de ofício, em sua própria oficina, com seus próprios instrumentos e até mesmo morando em sua própria casa. Ajudando-o em pequenas tarefas, que lhes são atribuídas de acordo com a lógica da produção, o aprendiz vai dominando aos poucos o ofício.

Ainda sobre as escolas de ofício, Drigo (2009, p.397) embasando-se por Doll Jr. (1997), diz que:

Ao considerar o período Medieval Europeu ou da pré-modernidade – que se localiza desde a história ocidental registrada até as revoluções científicas industriais do séc. XVII e XVIII – torna-se importante ressaltar, neste momento, os seguintes aspectos:

1. Como período anterior ao Iluminismo, implica no **não** desenvolvimento da ciência e numa visão de mundo teocêntrica;
2. Modelo de trabalho artesanal, pois, compreende uma fase histórica anterior à Revolução Industrial, esta geradora da necessidade da formação profissional;
3. Ambas as informações convergem para a obviedade de constatar que a base do conhecimento do trabalho artesão são os saberes da prática (saber fazer), contrário do conhecimento científico que alicerça a profissão. (Negrito do autor)

Ao buscarmos relações entre as escolas de ofício e as modalidades esportivas, nos aproximamos das reflexões de Cavazani (2012), o mesmo apontou algumas pesquisas em modalidades como: judô, futebol e capoeira, elementos semelhantes entre os ofícios e a profissão Educação Física.

Estudos que consideram a relação da formação artesanal com os esportes já estão presentes na literatura acadêmica. Drigo (2007, 2009) resalta essa semelhança em lutas e aponta para o judô. Benites, Barbieri e Souza Neto, (2007) apontam essas questões relacionadas ao futebol. Silva, Souza Neto e Benites (2009) observam que a capoeira também apresenta as mesmas características, apoiados por Souza Neto, Benites e Silva (2010) e finalmente Ramos (2009) considera os estudos que relacionam as escolas de ofício com a profissão Educação Física em nossa sociedade (p. 35)

No que concerne ao modelo de ensino/aprendizagem artesanal, podemos compreender que se trata de um método onde o saber fazer se faz presente para a efetividade do ofício. Como podemos observar na ideia Drigo (2007 p. 397) “A essência do trabalho artesanal implica na competência do *saber fazer*, e é fazendo que se aprende o ofício”.

Desta forma, podemos perceber que à medida que o mestre adquire conhecimentos através de anos como aprendiz, ele transmite-os para seus alunos, sendo esta relação a base da construção dos saberes. Entende-se que esse processo ocorre de uma maneira artesanal, uma vez que não existe uma formação científica, ou seja, a aprendizagem adquirida nos anos de treinamento é que permite aos instrutores, técnicos e mestres repassarem seu conhecimento. Como afirma Drigo (2009, p.397):

A concepção da formação do artesão (ou mestre) está direcionada para o trabalho de anos como aprendiz, sendo que através de atividades essencialmente práticas conquistou uma destreza suficiente para conseguir construir, no final deste processo, uma “obra prima” [...].

No que se refere à influência das escolas de ofício para com as lutas, podemos observar que a construção do professor é adquirida ao longo do tempo, de maneira gradativa. Esta se faz presente pelo sistema de graduação de faixas, que consiste na evolução do aluno, como é possível observar na afirmação de Drigo (2009 *apud* CAVAZANI, 2012, p. 35)

Verifica-se isso tanto na forma de transmissão de conhecimentos de domínio técnico quanto no treinamento dos praticantes que é feita de forma progressiva da faixa branca até a preta, quando é considerado instrutor técnico ou “professor” da modalidade. Neste aspecto, o mestre de ofício, é representado pela figura do Sensei, sendo aquele que detém o conhecimento do saber fazer e tem a incumbência de transmitir esses conhecimentos aos jovens aprendizes, possibilitando-os e instrumentalizando-os para o aprendizado das técnicas que poderão torná-los mestres artesões ou Senseis. Lembrando que para as escolas de ofícios ou artesanais, as atividades práticas são consideradas tão importantes quanto os estudos formais na construção dos valores da modalidade e como meio de formação de faixas pretas ou instrutores [...]

Corroborando com este mesmo princípio Silva, Sousa Neto e Benites (2009) dizem que:

O mestre (fundador de um grupo de capoeira) tem total liberdade para estipular as regras a serem seguidas em sua academia. Regras que dizem respeito aos horários de treino, formas de graduação do aprendiz e cor dos cordões que caracterizam o nível de cada aluno (p.880).

Com isto nota-se que o mestre era detentor de poderes como o de estabelecer duração de um aprendizado e como também este será transmitido ao seu aprendiz. Segundo Benites (2009) ao mestre era confiado grande respeito e ele era o principal responsável pela formação do seu aprendiz, como se este fosse seu próprio filho. Assim, o papel do mestre era comparado ao de um patriarca. Corroborando com esta ideia Daólio e Veloso (2008) afirmam que:

Na tradição, os mais velhos transmitiam aos mais novos os hábitos sociais impressos e expressos pelo corpo, não de forma imutável, mas com a incorporação de transformações que se referem a novos significados atribuídos aos hábitos culturais de cada grupo (p. 13).

Desta forma, no que se refere à formação esportiva pelas escolas de ofício, podemos perceber que esta foi e ainda é de suma importância, uma vez que suas características se fazem presentes até os dias atuais, contudo, isso não quer dizer que não tenham sofrido transformações. Assim pode-se dizer que na sociedade moderna existem duas escolhas no que tange à formação considerando-se a formação pelas escolas de ofício (tradição) e ainda a formação pelo modelo acadêmico (científico).

Segundo Daólio e Veloso (2008):

Tanto as técnicas empíricas quanto as científicas são saberes válidos. A questão central é que a técnica ainda não penetrada pela ciência, aquela que se associa à arte e à tradição, como o trabalho do artesão, possuía um maior grau de singularidade, exprimindo algo – uma intensão, uma criação, um estilo, uma idiosincrasia – do seu executante (p. 10).

Deste modo trabalhando-se escolas de ofício como tradição e modelo acadêmico como modernidade, pode-se perceber que estas não precisam ser pensadas de formas opostas e que ambas estão integradas, cada uma com seu valor.

## **2.2 A Formação Acadêmica**

Para introdução do debate acerca desse tema, torna-se relevante distinguir-se a diferença entre profissão e ocupação. Embasando-se por Tardif (2000), o mesmo traz que a distinção entre ambas está na natureza dos conhecimentos em questão. Corroborando com a referida ideia Bettanim *et alii* (2017) afirmam que:

A profissão caracteriza-se como uma atividade que geralmente necessita de formação, especializada em nível superior, autônoma e com direito de mercado de trabalho, enquanto a ocupação é uma atividade econômica que necessita de um caráter prático de conhecimento sem a exigência do domínio teórico de conhecimentos específicos e especializados (p.215).

A Educação Física como profissão legalmente regulamentada é recente e teve seu início a partir da criação da Lei 9.696/98 (BRASIL, 1998) e as determinações sobre seu campo de atuação são apresentadas no art. 3, que consiste no seguinte:

Art. 3º. Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto. (BRASIL, 1998).

Assim, a formação acadêmica tem como base em seus fundamentos preparar o indivíduo para a carreira profissional. Contudo, para que este fato aconteça é necessário que seus alicerces teóricos estejam embasados na ciência. No que se refere a essa questão Tardif (2000) diz que:

Em sua prática, os profissionais devem-se apoiar em conhecimentos especializados e formalizados, na maioria das vezes, por intermédio das disciplinas científicas em sentido amplo, incluindo, evidentemente, as ciências naturais e aplicadas, mas também as ciências sociais e humanas, assim como as ciências da educação (p.6).

Esses conhecimentos especializados segundo Tardif (2000) devem ser alcançados por meio de uma extensa formação de alto nível, e que esta advém na maioria das vezes por natureza universitária ou equivalente.

Silva (2012) relata que o currículo na educação superior é a ferramenta mestra que se tem como ajuda para introdução e coordenação dos conteúdos que são apresentados na graduação, alicerçando a área de conhecimento.

Corroborando com esta ideia Bettanim (2017) diz que as competências que norteiam os habilitados a ministrar os conteúdos, sejam dentro do âmbito escolar ou fora dele (academias, clubes, centro desportivos e etc.), são as mesmas que ajudam a

solucionar os diferentes problemas que por muitas vezes apresentam-se no seu campo de trabalho.

No que se refere à profissão, Cavazani (2012) recorreu a Freidson (1998), Vanuto (1999) e Barros (1993), pela clareza em alguns critérios que ajudam a nortear a ideia de profissão. Segundo Cavazani (2012):

Entendemos profissão como aquela que detém conhecimento extremamente especializado, geralmente oriundo de um curso de formação superior ou equivalente, caráter associativo que no caso brasileiro é identificado pelos conselhos profissionais, e direito à ingerência e controle da área de atuação da profissão na sociedade brasileira dada por uma Lei ou regulamentação específica [...] (p.24).

Portanto, quando nos referimos à Educação Física enquanto profissão Freidson (1998, *apud* CAVAZANI, 2012) diz que esta é possuidora desses critérios visto que, possui uma formação em curso superior, como também um conselho específico (Conselho Federal de Educação Física e os regionais) e sua regulamentação que define a especificidade e atuação dos profissionais (Lei 9.696/98).

Discorrendo ainda sobre a questão da profissão Drigo (2009), diz que o conhecimento do saber fazer é trocado pelo conhecimento científico. Neste momento a ciência passa a ser gerenciadora na prestação do serviço à sociedade.

Em consonância com esta ideia Venuto (1999 *apud* DRIGO, 2009, p. 400) diz que:

Os estudos na área das profissões tendem a destacar o caráter científico do conhecimento como principal recurso no processo de institucionalização da profissão, o elemento essencial para a aquisição de autoridade e inserção na hierarquia posicional vigente dentro do campo profissional.

É importante ressaltar que neste trabalho iremos focar nossos olhares para o profissional das artes marciais. No que concerne às competências do Profissional de Educação Física Drigo (2009, p. 36) afirma que: “as artes marciais, em geral, são atividades desportivas, [...] portanto, textualmente definidas como parte integrante das competências do profissional de Educação Física.”, como pode-se observar no art. 3º da lei 9696/98 anteriormente citada.

De acordo com Drigo *et ali.* (2011), as artes marciais que se configuram como escolas de ofício são vinculadas, inicialmente, às instituições que as administram (federações e confederações), essas passaram no presente a estar sob a competência da

Educação Física. Em contrapartida, faz-se presente no meio social outra legislação que comporta o agrupamento de entidades esportivas com direitos e autonomias, tendo a liberdade de ação diante dos pressupostos apresentados que consiste no saber fazer. Como podemos observar na citação de Drigo (2009) o qual relata que no artigo 20º da Lei 9.615/98 estabelece normas gerais sobre o desporto:

“As entidades de práticas desportivas (clubes) e as entidades nacionais de administração do desporto (Confederações, Federações e Ligas esportivas), de que trata o tal artigo, são pessoas jurídicas de direito privado, com organização e funcionamento autônomo, que têm suas competências definidas em seus estatutos”. Essas entidades são responsáveis pela organização esportiva em nível nacional ou regional, que são organizados em Federações, Confederações e Ligas (p.401)

Deste forma, tomando-se como base Drigo (2009), ao estreitarmos a relação entre artes marciais e desporto, temos uma ambiguidade de relações legais, onde existe uma legislação que entende a formação profissional que reflete o caráter Acadêmico, e outra que defende o agrupamento em entidades desportivas, sendo estas constituídas de direitos e autonomias, tendo sua liberdade de ação embasada no saber fazer, essas são denominadas de escolas de ofício.

Tendo em vista o indício desse conflito e em defesa do ensino das artes marciais baseado no modelo artesão, as Confederações Brasileiras de Lutas e Artes Marciais emitiram um documento ao Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), o qual traz em seus itens 5 e 6 que:

MANIFESTO NACIONAL DAS CONFEDERAÇÕES BRASILEIRAS DE LUTAS E ARTES MARCIAIS AO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA – CONFED (2000), que exemplifica, em parte, a preocupação dos modelos baseados nos saberes oriundos da prática ou “saber fazer” como ponto de análise a respeito da indignação e críticas para reivindicações com relação à legislação:

(Item 5) - Alertamos, ainda, que a grande maioria das Faculdades de Educação Física não contemplam todas as modalidades de Lutas e Artes Marciais, bem como, naquelas onde eventualmente se oferecem algumas destas modalidades, a carga horária e conteúdo programático são praticamente irrisórios, ao serem comparados com os requisitos mínimos necessários para o credenciamento técnico junto às respectivas Confederações de Lutas e Artes Marciais. (O grifo do autor)

(Item 6) - Chamamos a atenção do CONFED para a existência de raríssimos Mestres e Doutores aptos ao ensino das Lutas e Artes Marciais nas faculdades de Educação Física, e ainda que o tivéssemos, estaríamos condicionados ao oferecimento opcional de todos estes desportos nas grades curriculares por parte das respectivas Faculdades. Com isto pretendemos fundamentar o grande risco existente na sobrevivência de tais desportos praticados por milhões de brasileiros. (Grifo do autor) (DRIGO, 2007, P. 34)

Diante desse cenário conflituoso, surgem argumentos na busca por defender cada uma das possibilidades formativas, um deles consiste no debate relevante ocorrido no ano de 2016 na Câmara dos Deputados. Neste debate surgiram indagações sobre a necessidade de os mestres de artes marciais terem formação em Educação Física. A Deputada Erika Kokay (PT-DF) traz a importância das experiências e dos conhecimentos dos mestres em artes marciais e acredita que não devem ser limitados à formação do ensino superior, como podemos observar na fala da mesma, a seguir:

Como é que eu vou enquadrar o que seria o mestre de luta marcial na condição de que deveria ser formado em educação física, como é que e vou enquadrar estes profissionais que trazem uma filosofia, um etilo de vida? (Agência câmara notícias, 2016)

Já para José Steinhilber, presidente do Conselho Federal de Educação Física (CONFED), se torna necessário que a entidade passe a regulamentar as atividades marciais e que os profissionais tenham formação superior para melhor ministrar os ensinamentos. Segundo ele:

Devemos fazer uma junção entre educação física e os tipos de artes marciais. É necessário que haja uma formação mínima para que possamos garantir que a sociedade seja atendida por um profissional com conhecimentos adequados de educação física (Agência câmara notícias, 2016).

Contudo, de acordo com a ideia trazida no manifesto supracitado, Junior e Drigo (2001, p. 131) dizem que:

São raros os cursos de graduação em educação física, quer seja de licenciatura, quer seja de bacharelado, que possuam em sua grade curricular alguma disciplina, obrigatória ou optativa, relacionada às lutas, resultando em certo distanciamento do profissional de educação física do universo cultural das artes marciais. Por outro lado, são bem conhecidas as sessões de treinamento destas artes marciais em academias, clubes ou entidades esportivas, ministradas, em geral, por atletas ou praticantes com formação restrita e insuficiente que, quando muito, frequentaram algum curso (in)formativo em uma academia ou na respectiva federação.

Diferentemente do ponto de vista apresentado pelo CONFEF, é possível em uma simples pesquisa no Superior Tribunal de Justiça, encontrar decisões judiciais que desobrigam a necessidade de formação em Educação Física, a exemplo disso podemos observar no decreto do Recurso Especial sob o número 1012692/RS:

Quanto aos artigos 1º e 3º da Lei nº 9.696/1998, não se verificam as alegadas violações, porquanto não há neles comando normativo que obrigue a inscrição dos professores e mestres de danças, ioga e artes marciais (karatê, judô, tae-kwon-do, kickboxing, jiu-jitsu, capoeira etc) nos Conselhos de Educação Física, porquanto, à luz do que dispõe o art. 3º da Lei n. 9.696/1998, essas atividades não são caracterizadas como próprias dos profissionais de educação física”. (STJ - REsp 1012692/RS) (BRASIL, 2012)

No que tange a não obrigatoriedade do curso superior, existe uma vasta experiência por parte dos praticantes/atletas das lutas, visto que foram concebidas por anos de prática, entretanto o conhecimento referente ao processo de ensino e de aprendizagem é frágil. “Tal conhecimento deve considerar, por exemplo, a seleção de estratégias metodológicas, as exigências fisiológicas solicitadas (ou “impostas”), a adequação das atividades para dada faixa etária” [...] (JUNIOR e DRIGO, 2001, p. 131).

Ainda Segundo Junior e Drigo (2001) o que percebe-se nos treinos em geral consiste em:

Aquecimento rotineiro: sequência fixa de exercícios calistênicos durante o aquecimento, independente do conteúdo específico que será desenvolvido posteriormente; Crendices: acredita-se que através da dor e do sofrimento nas sessões de treinamento ocorrerá desenvolvimento espiritual-corporal (p 131).

Confirmando esta ideia Silva (2012) afirma que:

Os profissionais atuantes com lutas [...] fazem parte de um grupo que devem rever alguns conceitos relevantes para a sua atuação [...], deve levar consigo questões do cunho pedagógico, como lidar com o seu próximo aprendiz (aluno), essa questão é ausente na vida de muitos praticantes, no entanto é na formação, especialmente dos cursos de graduação em Educação Física que estas lacunas devem ser preenchidas, seja numa graduação completa ou cursos de formação específica (capacitação pedagógica) para esse grupo (p.35)

De acordo com o estudo de Lopes *et alli*. (2000, *apud* CARVALHO e DRIGO 2007, p. 4) diz que:

A formação em EF irá interferir de forma positiva na qualidade técnica e competitiva [...], confirmando a hipótese que defende importância da formação em EF para se desenvolver um melhor trabalho e se alcançarem melhores resultados, inclusive em competições, pois o conhecimento sobre as Ciências do Esporte (metodologia do treinamento, fisiologia do exercício, biomecânica aplicadas ao Judô, por exemplo) de certo favorecem tais conquistas.

Gomes *et alli* (2013) aponta que: ao exigir o conhecimento além das vivências adquiridas como atletas-praticantes, ou seja, anos de experiência na modalidade, deve-se obter uma formação mais específica, como a graduação em Educação Física, para que ensinem as artes marciais com maior riqueza de conhecimentos científicos e bases didático-pedagógicas, que se fazem presente durante o seu desenvolvimento acadêmico.

Segundo Carvalho e Drigo (2007) relatam, os alunos do curso de Educação Física que não tenham graduação em judô possuem aptidão para trabalhar com a iniciação como também com outras questões que são abordadas durante os anos de estudo, tais como: desenvolvimento motor, preparação física e psicológica de Judocas competidores assim como avaliação desses Judocas em termos cineantropométricos, fisiológicos, biomecânicos e de aprendizagem. Segundo esses mesmos autores isso foi possível devido a participação dos alunos que não possuíam graduação auxiliando como monitores na escolinha de judô da comunidade (iniciação).

Entretanto, no que tange esta questão Cavalho e Drigo (2007) afirmam que: observando-se a grade curricular oferecida pela maioria dos cursos de Educação Física percebe-se que estas deixam a desejar na formação dos profissionais que pretendem trabalhar com lutas, visto que, muitas vezes apenas uma das modalidades é ofertada, fato este que dificulta para que o profissional lesione o referido conteúdo. Todavia, no que se refere à parte técnica e tática, deveriam apresentar uma carga horária de aulas que supram essa necessidade. Conhecimento este que é suficiente para dar suporte às suas demandas como profissional.

Outros autores, tais como Araújo (1983 *apud* TRUZS E NUNES 2007, p. 187):

Sugere que haja oferta das mais diferentes modalidades desportivas no contexto da Universidade como mais uma forma de ação da Educação Física. Conseqüentemente, os profissionais formados em Educação Física serão professores altamente qualificados, que poderão contribuir no processo educacional da sociedade (ARAÚJO, 1983).

Tomando-se por base Silva (2012), entende-se que as lutas fazem parte do conteúdo acadêmico do curso de Educação Física, e é de fundamental relevância que este seja transmitido ao graduando, tendo em vista que as lutas estão presentes no cotidiano, seja nas escolas, clubes e até mesmo na mídia. Contudo, foi observado em alguns autores, Drigo e no Manifesto supracitados, por exemplo, que o conteúdo abordado na graduação não é suficiente, desta forma, deve-se então haver a transmissão desses conhecimentos para que sejam tratados pedagogicamente na atuação desse profissional.

No mais, fica evidente a relevância do conteúdo lutas na graduação de Educação física, contudo, foi visto que ainda é de maneira insuficiente, o que traz certo prejuízo tanto enquanto graduandos, quanto após formados, pois, esses professores não se sentem confiantes de ministrar tal conteúdo. Desta forma, as escolas de ofício entram em questão mostrando que possuem capacidade de transmitir o conteúdo, não pelo conhecimento científico, mas sim pelo conhecimento do saber fazer.

### 3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de questionário semiestruturado aplicado a seis professores de jiu-jitsu das academias de ginástica de João Pessoa, foi realizada a referida pesquisa, onde buscou-se refletir como acontece a formação destes, verificando seu perfil, sua didática e os fatores que possibilitam e/ou impossibilitam sua formação, averiguando ainda a prevalência de professores de jiu-jitsu formados ou não formados em Educação Física contidos na amostra.

Tratou-se de uma pesquisa do tipo exploratória, a qual de acordo com Gil (2008, p.42) visa “proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso”.

No desenvolvimento da pesquisa fez-se o uso de procedimentos qualitativos, levando-se em consideração os dados empíricos apreendidos a partir dos questionários realizados com os professores das academias selecionadas, como também utilizou-se um suporte bibliográfico para fundamentação teórica.

Para um melhor entendimento a respeito da pesquisa qualitativa Zanatta (2011, p.16) diz que “a pesquisa qualitativa possibilita trazer o que os participantes pensam a respeito daquilo que está sendo pesquisado, as suas percepções e representações, valorizando o que os sujeitos têm a dizer [...]”.

Segundo Minayo, (1998, p.21-22) a abordagem qualitativa se preocupa:

[...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Utilizou-se como instrumento e técnicas de pesquisa os seguintes métodos: a observação sobre o real e as experiências construídas ao longo da vivência do pesquisador como praticante da arte marcial; o questionário semiestruturado com o recurso de um roteiro previamente estabelecido; organização dos dados qualitativos em tabelas e quadros; e a análise de conteúdo. Cabe ressaltar que no referido roteiro não constou perguntas que viessem a comprometer o sigilo da pessoa entrevistada, tais como: nome, endereço e telefone, não havendo risco de quebra de sigilo. Esta pesquisa não ofereceu risco a saúde dos colaboradores.

Os questionários semiestruturados compreendem questões abertas e fechadas, respondidas pelo próprio entrevistado mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Para Minayo (2004, p. 108),

O questionário semiestruturado combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

A escolha das academias se deu a partir de um levantamento junto às proximidades da Universidade Federal da Paraíba como também da residência do pesquisador. Constatou-se a existência de algumas academias, entretanto, para a participação na referida pesquisa foi utilizado como critério de inclusão ser professor (a) no mínimo graduado (a) faixa preta da modalidade jiu-jitsu de academias legalmente registradas com CNPJ. Em contrapartida, como critério de exclusão estão as academias que não possuem CNPJ e os instrutores, ou seja, aqueles que ainda não possuem faixa preta.

Após o mapeamento foram estabelecidos um quantitativo de 6 academias de Jiu-jitsu nos seguintes bairros: duas no Cristo Redentor, duas em Jaguaribe, uma em Miramar e uma nos Bancários, onde seus professores (as) responderam voluntariamente a um questionário que foi proporcionado pelo próprio pesquisador mediante a apresentação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual encontra-se em anexo. Cabe ressaltar que todos voluntários foram esclarecidos quanto aos objetivos e benefícios da pesquisa antes da assinatura do referido termo e foi garantido o sigilo e confidencialidade das informações individuais e que só dados globais serão divulgados à comunidade acadêmica conforme as normas para realização de pesquisas envolvendo seres humanos estabelecidas pela Resolução CNS 466/12, de 12/09/2012.

É importante ressaltar que levou-se em consideração situações como: disponibilidade para participar da pesquisa, tendo em vista que só seriam entrevistados os professores que desejassem participar; e questionários dirigidos apenas a professores de jiu-jitsu, visto que o presente trabalho tinha como sujeitos apenas estes profissionais.

A coleta de dados (pesquisa de campo propriamente dita) compreendeu a segunda semana do mês de novembro do corrente ano. Como principal dificuldade encontrada destacamos a rotina institucional, a qual muitas vezes era conturbada.

Para a análise dos dados qualitativos estes foram organizados e sistematizados para posterior interpretação dos resultados à luz de fontes bibliográficas e do entendimento e reflexão crítica do pesquisador, também discutidas no processo de orientação deste trabalho. Tendo em vista que o questionário utilizado encontra-se dividido em duas partes, onde a primeira tem como foco questões mais pessoais dos professores e a segunda questões sobre sua formação, e tomando-se como base Bardin (2002) foi realizada uma pré-análise e interpretação dos dados, o que possibilitou estruturar as tabelas em temas, categorias e subcategorias. Estes foram obtidos com embasamento nas respostas dadas pelos entrevistados. As categorias encontradas foram: 1- Formação; curso; aperfeiçoamento; 2- A ciência na formação dos professores; 3- Organização do tempo e das atividades; e 4- Metodologia do ensino.

Ainda com relação à apreciação do conteúdo utilizou-se também de quadros, tabelas, transcrição, interpretação e análise das falas dos entrevistados.

Segundo Bardin (2002, p. 38), a análise do conteúdo compreende,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Tais procedimentos são criteriosos, com muitos aspectos observáveis, mas que colaboram bastante no desvendar dos conteúdos de seus documentos.

Desta forma recorreu-se aos diversos artigos científicos, livros, periódicos e sites que abordavam a temática em questão como forma de embasar teoricamente a referida pesquisa.

#### 4. A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DE JIU-JITSU DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA DE JOÃO PESSOA

Na atualidade podemos dizer que o jiu-jitsu está em ascensão tendo em vista o elevado número de praticantes e de academias existentes. Na cidade de João Pessoa podemos contar com aproximadamente 22 academias registradas. No que se refere aos atletas Pessoenses, tanto no cenário nacional, quanto mundial, apresentam uma boa representatividade do esporte, tendo em vista suas participações em competições em todo o mundo e a conquista de bons resultados.

Quanto à Federação de Jiu-Jitsu do Estado da Paraíba, esta desenvolve três etapas do campeonato paraibano ao longo do ano. Na organização desses campeonatos conta com a participação de voluntários, onde estes muitas vezes são estudantes do curso de Educação Física, os quais ao participarem de tais campeonatos adquirem conhecimento e também carga horária complementar exigidas no decorrer do curso. Ainda é oferecido pela Federação aos professores faixa-preta o curso de árbitro, onde, após seu término, o habilitará a arbitrar campeonatos.

Durante a coleta de dados utilizou-se como instrumento de pesquisa o questionário semiestruturado composto por perguntas abertas e fechadas. Segundo Mattos, Junior e Blecher (2008 p.68)

O questionário pode ser composto de **perguntas abertas**, destinadas à obtenção de respostas livres, ou de **perguntas fechadas**, com alternativa determinadas, que limitam as respostas, pois são mais padronizadas e de fácil aplicação. (Negrito do autor)

Com esse instrumento os professores entrevistados responderam por escrito um questionário estruturado em duas partes, onde a primeira compreende “**Dados de identificação do professor**” e a segunda “**Formação dos professores de artes marciais nas academias de ginástica**”, contendo onze questões (abertas e fechadas). Optou-se pelo questionário por este proporcionar uma maior liberdade de resposta ao participante. Durante a aplicação do mesmo percebeu-se que o tempo gasto pelos professores para respondê-lo foi de aproximadamente quinze minutos. Cabe destacar que visando garantir o sigilo dos professores entrevistados, estes foram numerados de 01 a 06.

No que concerne ao perfil dos professores de jiu-jitsu atuantes nas academias de ginástica de João Pessoa e baseando-se pelo recorte utilizado na pesquisa, pode-se perceber que no tocante à idade dos mesmos, encontrou-se uma média de aproximadamente 39 anos, onde o mais novo tinha 33 anos e o mais velho 44. Os professores que contribuíram na referida pesquisa eram de ambos os sexos, os quais se constituíam de uma mulher e cinco homens. Contudo, vale salientar que a questão do gênero não foi um fator para escolha dos entrevistados.

No que se refere à formação acadêmica de cada professor, foi observado que dentre os seis (100%) todos possuíam curso superior, entretanto, apenas um (16,66%) era formado em Educação Física e o restante em outras profissões. Desta forma, pode-se afirmar que destes, cinco são formados pelas escolas de ofício.

Quadro 01: Dados pessoais dos entrevistados

Sexo	01 feminino
	05 masculino
Idade	33 a 44
Formação acadêmica	02 Administração
	01 Enfermagem
	01 Educação Física
	01 Engenheiro Civil
	01 Analista de Sistema
Graduação no jiu-jitsu	01 faixa preta 4º grau
	02 faixa preta 2º grau
	02 faixa preta 1º grau
	01 faixa preta
Anos de prática	03 de 08 a 18 anos
	03 de 19 a 29 anos
Anos como professor de jiu-jitsu	01 professor há 40 dias
	01 professor há 1 ano ½
	01 professor há 4 anos
	01 professor há 10 anos
	01 professor há 19 anos
	01 professor há 24 anos

Ainda analisando-se o quadro 01 percebeu-se que do total dos seis professores entrevistados, o “**professor 01**” possui uma experiência de 28 anos de prática, sendo o que mais a possui. Já o “**professor 05**” tem em sua prática 8 anos, sendo o que menos apresentou anos de atuação como praticante da arte marcial em questão. Entretanto cabe ressaltar que existe uma diferença entre “anos de prática”, que corresponde ao tempo em que se pratica a arte marcial, e “anos de atuação enquanto professor”. Neste último percebeu-se que dos entrevistados o que mais tinha anos atuando foi o “**professor 01**”, o qual possuía 24 anos na prática do ensino da luta, já o que menos o possuía tinha apenas 40 dias, o “**professor 04**”. Outro ponto encontrado na análise dos questionários foi referente à quantidade de horas/dia trabalhadas enquanto professor de jiu-jitsu pelos participantes, encontrou-se uma média de 7 horas/dia.

Outra questão abordada no questionário utilizado na pesquisa foi a respeito da graduação dos professores, essa graduação do Jiu-Jitsu ocorre pela troca de faixas e foi criada para uniformizar o ensino e a prática dessa arte marcial, bem como padronizar os modelos de competição. O iniciante começa com a faixa branca, a qual não existe carência (mínima ou máxima) de anos, ficando a critério do seu professor a análise do seu desempenho para que assim o aprendiz seja graduado para faixa posterior, a azul. Dessa faixa para a roxa existe um período de dois anos; assim, para aquisição da próxima faixa, a marrom, o período é de um ano e meio. Quando o aprendiz recebe essa graduação, o mesmo adquire o cargo de instrutor, podendo assim auxiliar o professor nas aulas de jiu-jitsu. Após um ano de faixa marrom ele pode ser graduado faixa preta, onde terá o direito de ministrar os treinos. Posteriormente à faixa preta segue-se a graduação com a aquisição dos DANs, começando pelo 1º DAN até o 6º DAN. Do 7º DAN ao 9º configura-se faixa vermelha, todos com as devidas carências.

É importante ressaltar que este tempo mínimo para cada graduação, embora seja estabelecido pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu, cabe ao professor identificar se o aprendiz está apto para aquisição da próxima faixa, podendo ele adiantar ou retardar esse processo. O Sistema Geral de Graduação tem por objetivo tornar mais simples o entendimento de todo o processo de evolução do praticante desde a faixa branca até a faixa vermelha.

A figura a seguir compreende uma melhor forma de entendimento acerca da formação dos professores participantes desta pesquisa. Cabe ressaltar que a referida graduação de faixas exemplificada na figura 3 é adotada pela Confederação Brasileira

de Jiu-Jitsu, onde podemos observar uma carência mínima de alguns anos para aquisição de um novo grau (DAN).

Figura 3: Sistema de Graduação



Fonte: Página da confederação brasileira de jiu-jitsu.

Tomando-se como base a figura 3 e comparando-a com o quadro 01 podemos observar que alguns professores apresentaram graus superiores aos delimitados no critério de inclusão, onde os mesmos tinham que possuir pelo menos o grau de faixa preta. Percebeu-se que dentre os seis, cinco apresentaram graus mais elevados.

No que se refere à segunda parte do questionário, a qual retrata diretamente a respeito da formação desses professores, foi feita a seguinte questão: **“Para você a sua formação (anos de prática na modalidade) foi suficiente para ministrar as aulas?”**. Dos seis entrevistados (100%) apenas o **“professor 01”**, o que corresponde a (16,66%), respondeu que seus anos de prática na modalidade não foi suficiente para que as aulas

da referida arte marcial fossem ministradas, desta forma, esse professor foi o que buscou se aprimorar mais em seus conhecimentos, realizando sua formação acadêmica no curso de Educação Física. Os outros cinco professores (83,34%) afirmaram que seus anos de prática lhe deram suporte suficiente para que os mesmos ministrassem suas aulas. Observando-se que esses cinco não possuem a formação no curso de Educação Física, pode-se concluir que são formados pelas escolas de ofício.

Segundo Daólio e Veloso (2008), no que tange aos ensinamentos provenientes das escolas de ofício:

É notório a constatação que várias técnicas utilizadas na prática esportiva não são eficientes do ponto de vista biomecânico ou estatístico, mas, por serem eficazes do ponto de vista do seu significado, continuam sendo praticadas, tornando-se tradicionais e sendo transmitidas às gerações seguintes (p. 14).

Já no que concerne às instituições de ensino, Carvalho e Drigo (2007) dizem que:

Formar professores é função exclusiva de Institutos de Ensino Superior (IES) reconhecidos e avaliados pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura). Embora esses mesmos institutos precisem adequar os seus currículos a essa nova realidade para formar profissionais que atendam às exigências legais de prover uma formação mais específica aos profissionais que vierem a optar pelo trabalho com lutas (p.8).

É relevante destacar que no atual contexto a maioria das instituições de ensino superior ainda oferecem de maneira superficial em suas grades curriculares as disciplinas voltadas às artes marciais, uma vez que seria necessário uma carga horária de aulas bem maior que proovessem ao profissional um conhecimento específico para sua atuação de maneira técnica e tática. Assim, podemos observar na citação de Ferreira (2006) o qual diz que:

No ensino superior, pode-se constatar, ao assumir uma turma de licenciatura em Educação Física de uma universidade, a preocupação dos alunos em como utilizar o conteúdo da disciplina nas aulas de Educação Física escolar. Alguns alunos encaram a disciplina de lutas como “mais uma disciplina descartável”. Por este motivo, passou-se a questionar como um aluno de graduação poderia aprender judô ou caratê em apenas seis meses e, assim, pudesse estar apto a empregar o conhecimento adquirido no momento em que se estivesse trabalhando em escolas.

Destarte, entende-se que mesmo que tenha-se uma graduação em Educação Física torna-se quase que inviável o aprendizado de qualquer arte marcial em um período de apenas seis meses, motivo este que não traz segurança para que os professores possam trabalhar essa temática com os alunos. No entanto, observa-se também que, em paralelo a essa formação, os atletas de determinadas artes marciais sentem-se confiantes e seguros na transmissão de tal conteúdo, embora não detenham o embasamento científico. Desta forma, é relevante destacar que segundo Rufino (2010)

A experiência deve ser considerada como parte integrante do trabalho docente e as teorias sobre prática pedagógica não devem ser vistas como formas de desvalorizar ou substituir a experiência docente e sim como modos de melhorá-la, caso necessário (p.112).

No que se refere a essa questão da grade curricular das IES, Vallo (2014) em sua pesquisa intitulada “O trato com o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física da Rede Municipal de Ensino na Cidade de João Pessoa”, fez o seguinte questionamento aos professores entrevistados: “Como a instituição de ensino poderia ofertar (caso necessário) o conteúdo lutas na formação inicial?”. Mais da metade (59%) responderam que as IES deveriam aumentar a carga horária do curso; 33% responderam que deveriam aumentar as modalidades oferecidas; e 8% disseram que deveriam aumentar a carga horária do curso e também oferecer capacitações. Desta forma, ratificamos a necessidade de se ter na formação acadêmica um maior suporte aos futuros profissionais de Educação Física, pois estes precisam estar preparados para atender às necessidades de seus alunos. Corroborando com esta pesquisa de Vallo (2014), Carvalho e Drigo (2007) dizem que:

De acordo com o contexto atual, o curso de graduação em EF provê uma formação mais ampla e menos aprofundada aos profissionais para atuarem com vários esportes, inclusive o judô. Deste modo, criar mais cursos de especialização tanto em nível lato quanto estrito se fazem necessários para um maior aprofundamento nas questões específicas dessa modalidade (p. 8).

Após análise dos questionários agregados a estudos teóricos, foi possível elencar quatro temas principais para discussão dos dados obtidos nas entrevistas, quais sejam: 1- Formação dos professores de Jiu-Jitsu; 2- Conhecimento científico na atuação dos professores; 3- Conhecimento sobre gestão de treino; e 4- Processos metodológicos.

**Tabela 01: Formação dos professores de Jiu-Jitsu**

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
1- Formação dos professores de Jiu-Jitsu.	Formação; curso; aperfeiçoamento.	Participação das Federações e Confederações na formação dos professores de Jiu-Jitsu	Interesse das IES	<i>(P1) Sim, visto que a disciplina de luta é vista de maneira bastante resumida na graduação.</i>
			Atualização dos professores e atletas	<i>(P5/P6) Sim, pois o esporte é muito dinâmico, desta forma é importante que os professores e atletas façam cursos para se atualizarem.</i>
			Profissionalização dos professores	<i>(P3/P4) Sim, pois a medida que participamos de cursos profissionalizantes estamos nos aperfeiçoando cada vez mais.</i>
			Nivelamento dos professores e instrutores	<i>(P2) Sim, pois é importante para nivelar o ensino dos professores e dos instrutores que auxiliam nos treinos.</i>

Feito o seguinte questionamento **“Você acredita que as instituições que organizam as lutas (Federações e Confederações) poderiam ofertar (caso necessário) cursos que contribuam com a formação de professores? Justifique”** e analisando-se a tabela 01 percebeu-se que alguns dos entrevistados trouxeram questões

semelhantes, tais como a profissionalização dos professores e do esporte como também a relevância de estar sempre se atualizando, visto que o esporte é muito dinâmico.

No que concerne a questões tais como profissionalização e atualização dos professores, podemos observar a citação de Carvalho e Drigo (2007), no que se refere à participação das Federações e Confederações neste aspecto:

[...] elas ministram cursos durante os exames de faixa, porém quando dão cursos, sempre procuram convidar especialistas formados e com elevada graduação de faixa para ministrá-los. Além disso, cada um desses cursos é geralmente ministrado em curtos períodos de tempo (geralmente num final de semana), o que não representa uma carga horária de aula suficiente para prover uma formação adequada, servindo apenas para atualização ou informação e não para formação de fato e de direito. A verdadeira formação desses faixas-pretas que não cursam EF é feita pelos clubes através da prática regular da modalidade e não pelas Federações (p.7).

Desta forma, fazendo-se uma relação entre as respostas obtidas e a citação supracitada, podemos perceber que os cursos e capacitações ofertadas pelas Federações e Confederações são de extrema relevância, contudo, não se caracterizam como o agente principal de formação, tendo em vista sua curta duração, por exemplo.

Ainda no que concerne a questão supracitada o “**professor 02**”, deu a seguinte resposta: “*Sim, pois é importante para nivelar o ensino dos professores e dos instrutores que auxiliam nos treinos*”. Assim, percebe-se uma maneira diferente de pensar com relação ao que aponta Baptista (2003), o qual diz que cada profissional tem sua maneira de ministrar o conteúdo, e que fatores externos podem influenciar tais práticas.

Cada professor tem uma maneira diferente de transmitir os seus conhecimentos. Se observarmos algumas aulas, notaremos diferenças na metodologia do ensino, no conteúdo programático e na sequência pedagógica. Não podemos avaliar qual seria o método mais eficiente, pois são muitas as variáveis existentes, como por exemplo: capacidade profissional do professor, objetivos, faixa etária, perfil psicológico da turma e o nível técnico e sócio-econômico (BAPTISTA, 2003, p. 61).

De tal modo, entende-se que vai de cada profissional decidir a maneira como o mesmo ministra suas aulas, ou seja, o embasamento de cada um deles foi adquirido de maneiras distintas, desta forma, é compreensível que possuam métodos e práticas diferenciadas para o ensino da mesma temática.

Ainda no que concerne à análise das questões pertinentes à tabela 01, viu-se que na resposta dada pelo “**professor 01**”, o mesmo traz o déficit que ocorre no ensino das lutas durante a graduação, informando que, na opinião dele, este conteúdo foi ministrado de maneira bem resumida.

**Tabela 02: Conhecimento científico na atuação dos professores**

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
2- Conhecimento científico na atuação dos professores.	A ciência na formação dos professores.	Anatomia, Fisiologia e treinamento desportivo na ótica dos professores de Jiu-Jitsu	Formação na área de saúde	(P1) <i>Sim, pois minha formação acadêmica me deu suporte nestas questões, uma vez que sou graduado em Educação Física.</i>
			Conhecimento adquirido com a prática.	(P6) <i>Sim, menos no que se refere a treinamento desportivo, pois, anatomia e fisiologia vi na minha formação em Enfermagem.</i>  (P2/P3/P4/P5) <i>Sim, adquiri com os anos de prática.</i>

Observando-se as respostas dos professores transcritas para a tabela 2 sobre seus conhecimentos no que se refere à anatomia, fisiologia e treinamento desportivo, vê-se que todos responderam que detém tal conhecimento, no entanto, apenas o que possui formação acadêmica em Educação Física afirmou possuir embasamento nestas três áreas, tendo em vista sua vivência no curso no qual é formado. O “**professor 06**”, graduado em Enfermagem, também justificou seus conhecimentos nas referidas áreas

devido sua formação acadêmica, contudo, afirmou não possuir conhecimentos em treinamento desportivo. Já os **professores 2,3,4 e 5**, embora tenham respondido possuir conhecimento nas áreas, justificaram suas respostas apenas pela vivência da prática.

Mediante as respostas obtidas, percebeu-se que alguns dos entrevistados compreendem o entendimento a respeito do conhecimento científico através do senso comum, ou seja, adquiriu tais informações através dos anos de prática. No que concerne a anatomia e fisiologia, Drigo (2007 p. 29) diz que “Os estudos de Anatomia e Fisiologia arremetem a consciência da fragilidade de certas regiões do corpo humano ou da necessidade de precaução quanto à educação e a preparação destes corpos”. Corroborando com esta ideia e apontando a relevância da ciência para solução de problemas metodológicos relacionados ao treinamento, Verjoshanski (1990, p. 16 *apud* DRIGO 2009, p. 402), informa que:

A preparação dos atletas de alto nível está ligada, sobretudo a grandes estímulos dos sistemas funcionais vitais para o organismo e produzir um efeito de aumento dos níveis de trabalho a ponto muito elevado que atualmente, sem conhecimentos científicos e simplesmente apelando ao bom senso e intuição, não é possível resolver os complexos problemas do treinamento moderno.

Desta forma, compreende-se que as obtenções desses conhecimentos vão mais além do que a prática do exercício físico, não que esta não tenha sua relevância, mas precisa-se de conhecimento mais científico, ou seja, não pode ser embasado apenas em experiências empíricas, baseadas em tentativas e erros, como afirmam Samulski, Menzel e Prado (2013, p. 3)

A teoria do treinamento desportivo vem da mescla de várias ciências, como fisiologia do exercício, biomecânica, psicologia do esporte, sociologia e pedagogia, que contribuem na fundamentação dos conceitos e métodos de organização do processo de treinamento. Segundo Gabbett, alguns treinadores negligenciam informações importantes obtidas a partir de diferentes tipos de monitoramento e confiam apenas na habilidade indutiva para regular as cargas de treinamento. O treinamento desportivo representa um processo extremamente dinâmico e complexo. Por isso, na prática, o comportamento indutivo do treinador, muito importante em todos os processos de treinamento, não pode substituir a ciência.

Na tabela a seguir tomamos como embasamento para o questionamento se os professores entrevistado possuíam conhecimento sobre a gestão de treino. No que se refere à gestão do treino é importante ressaltar que nesta existe um fator primordial que

é o gerenciamento do tempo de maneira adequada, tendo em vista que esse é fator determinante para um bom desempenho do mesmo. Assim, Bompa (2005) afirma que gerenciamento do tempo:

Significa efetividade do trabalho, utilizar o tempo da melhor forma possível. Embora muitos treinadores sejam bem organizados, um planejamento eficaz, a priorização de objetivos e os meios para alcançá-los, o estabelecimento de prazos limites são elementos essenciais do gerenciamento do tempo, do uso do tempo de forma eficaz. O desperdício de tempo, por outro lado, é geralmente resultado de falhas tais como saltar tarefas, passar de uma atividade para outra e depois voltar, sem um fluxo programado, trabalhar em tarefas de baixa prioridade, subestimar o tempo necessário para certas atividades, incapacidade de centrar esforços nas tarefas essenciais etc. (p. 22 e 23)

Desta forma, ainda no que se refere à gestão de treino outro ponto relevante é o planejamento deste, o qual configura-se como sendo um processo metodológico e científico que oferece suporte ao treinador para que seja atingido o objetivo.

**Tabela 03: Conhecimentos sobre gestão de treino.**

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
3- Conhecimentos sobre gestão de treino.	Organização do tempo e das atividades	Organização das atividades desenvolvidas nos treinos.	Formação Acadêmica	<i>(P1) Sim. Tenho conhecimento sobre gestão de treino devido minha graduação em Educação Física.</i>
			Cursos anuais	<i>(P2) Sim, pois todos os professores da nossa equipe participam anualmente de cursos para melhora da nossa formação.</i>
			Conhecimento prático	<i>(P3/P4/P5) Sim. Conhecimento adquirido com a observação e a prática.</i>
			Ausência do conhecimento	<i>(P6) Não tenho domínio sobre este conhecimento, ministro as aulas de acordo com o que aprendi enquanto aluno.</i>

Analisando-se as respostas obtidas percebe-se que o “**professor 01**” afirmou ter adquirido tal conhecimento através da sua graduação em Educação Física, tendo em vista que este conteúdo faz parte das disciplinas. Já o “**professor 02**” disse ter adquirido através de capacitações. O “**professor 06**” afirmou não possuir conhecimento científico acerca da questão, e que ministra suas aulas de acordo com seus aprendizados enquanto aluno, ou seja, reproduzindo o que aprendeu com seu professor. Os outros três professores entrevistados afirmaram terem adquirido o conhecimento referente à gestão de treino através da prática cotidiana, ou seja, de maneira empírica. Em relação à questão da reprodução do conhecimento, como também da prática cotidiana, Carvalho e Drigo (2007) afirmam que:

[...] o faixa-preta não formado em Educação Física tem conhecimentos básicos suficientes para reproduzir as aulas que recebeu, mas não terá formação suficiente para questionar com maior profundidade (científica) sua metodologia e propor novas abordagens com maior fundamentação, pois sua formação foi desenvolvida em termos práticos e lhe faltam instrumentos e conhecimentos teóricos e científicos para tal (p.7).

Assim, entende-se que apenas o “**professor 01**” ministra suas aulas com um olhar fundamentado e embasado na ciência, tendo em vista que teve este conteúdo abordado durante sua graduação. Contudo, isso não quer dizer que os professores formados por escolas de ofício não possuam capacidade de ministrar as aulas de maneira adequada, apenas não detêm a cientificidade adquirida em uma formação acadêmica. No mais, entende-se que a união de ambas formações seria muito rica tanto para o professor quanto para seus alunos.

**Tabela 04: Processos metodológicos.**

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
<b>4- Processos metodológicos.</b>	Metodologia do ensino	Conhecimentos acerca da metodologia de ensino.	Formação em Educação Física	(P1) <i>Sim. Adquiri esse conhecimento no meu curso de Educação Física.</i>
			Repetição do conhecimento	(P5/P3) <i>Sim, aprendi na prática com meu professor.</i>
			Capacitação	(P4) <i>Sim, baseio-me pelas técnicas que aprendi com meu professor.</i>
			Ausência do conhecimento	(P2) <i>Sim, através da capacitação anual.</i>
				(P6) <i>Não possuo conhecimento a respeito.</i>

Na questão de nº 5 foi feito o seguinte questionamento **“Você tem conhecimento dos processos metodológicos e métodos de ensino?”** Apenas o **“professor 06”** disse que não tinha tal conhecimento. Já o **“professor 01”** tornou a justificar sua resposta mediante sua graduação em Educação Física; o **“professor 02”** informou que adquire conhecimentos a respeito de metodologia de ensino em capacitações realizadas anualmente. O restante dos professores (P3,P4 e P5), relataram novamente as suas vivências adquiridas na prática para justificar a questão,

evidenciando que reproduzem as técnicas e o aprendizado adquirido com os professores que já tiveram. Quanto à didática de ensino, foi observado que esta é embasada pelas escolas de ofício, em sua maioria, uma vez que estes mediam suas aulas através de técnicas e conhecimentos adquiridos na prática como também com capacitações. Segundo Arruda e Souza (2014)

[...] o mau uso do conhecimento ou a ausência dele por parte dos professores/mestres produz grandes prejuízos à modalidade. Sem um didática específica o aluno mal preparado distorce as funções da atividade e socialmente cria estereótipos estigmatizando o praticante e a arte marcial. (p. 76).

No que se refere à prática pedagógica, Marcelino (2003) em seu trabalho intitulado “Academias de ginástica como opção de lazer”, realizou uma pesquisa com todos os professores, e não apenas com os de lutas/artes marciais, onde foi percebido que: “esta se apresenta confusa em termos de filosofia de trabalho ou de metodologia de ensino-aprendizagem, com pouco espaço para o exercício da criticidade e criatividade”.

No tocante às respostas dos professores, percebeu-se que não aprofundaram e nem exemplificaram como são os processos metodológicos e os métodos por eles utilizados. No entanto, segundo Arruda e Souza (2014):

O que temos observado na prática através de experiências empíricas são aulas parecidíssimas com o método de confinamento como narrado por João Batista Freire, os alunos são dispostos no tatame, onde o professor determina e os alunos repetem. Essa forma de ensinar, apenas com gestos técnicos e reprodução de movimentos negligencia outras formas de criar e construir seus próprios movimentos (p.87).

Segundo Breda *et alii* (2010 *apud* DARIDO, 2010) dizem que, atualmente as aulas de lutas ainda acontecem de maneira exaustiva, onde os alunos apenas “copiam” o professor, desta forma não são ensinados a desenvolver suas próprias soluções, mas sim adotar padrões tradicionais previamente estabelecidos. No entanto Arruda e Souza (2014) relatam que:

A maneira com que alunos aprendem será, mais tarde, a forma com que desempenharão suas funções na qualidade de professor de jiu-jitsu ou praticantes. Certamente alguns deles que possuam formação em Educação Física terão a possibilidade de encontrar alternativas pedagógicas que permitam uma reflexão mais adequada do processo de ensino aprendido e eventualmente possam aplica-los em seus conteúdos (p. 87).

Assim, compreende-se a importância de ambas as formações, contudo, torna-se necessário que se tenha uma interação entre elas, não podendo isolar suas formas de conhecimento, visto que cada modelo de ensino aprendizagem possui suas particularidades.

Desta forma, fazendo-se uma análise das repostas obtidas através dos questionários aplicados, percebeu-se que urge uma possível necessidade de modificação na forma como as lutas são transmitidas dentro do âmbito universitário como também fora dele. Visto que, foram encontradas lacunas tanto no que se refere aos profissionais formados como também os não formados em Educação Física.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa deteu-se em analisar a formação dos professores de jiu-jitsu nas academias de ginástica da Cidade de João Pessoa. Faz-se importante destacar que durante o estudo percebeu-se a influência que as escolas de ofício têm até os dias atuais, tendo em vista que apenas um dos entrevistados é formado no curso de Educação Física, fato este que lhe dá um suporte científico para prescrição de aulas baseadas em fisiologia do exercício, anatomia treinamento desportivo e pedagogia. É relevante ressaltar ainda que no cenário analisado a formação por meio do modelo de ofício ainda é o modelo com maior representatividade.

Viu-se ainda a questão da didática de ensino desses professores, a qual compreende técnicas voltadas à tradição, ou seja, baseadas nas escolas de ofício. Também foi analisado com os participantes da pesquisa como as Federações e Confederações podem contribuir com ofertas de cursos que venham colaborar na formação de professores.

Percebeu-se que existe um déficit na grade curricular das IES no que concerne ao conteúdo lutas abordado durante a graduação, tanto no que se refere às modalidades ofertadas quanto à carga horária estabelecida. Assim sendo, entende-se que seria de grande valia a possibilidade de uma parceria entre essas instituições de ensino superior e as Federações e Confederações, visando uma melhor capacitação dos alunos para que a posteriori eles possam ministrar tais conteúdos, tanto em escolas como em academias de lutas.

Cabe destacar que o propósito do ensinamento das lutas nas academias de ginástica não é apenas a formação de lutadores profissionais, mas sim o conhecimento cultural trazido por cada modalidade, o respeito adquirido na prática das lutas, o equilíbrio, a concepção corporal, enfim, os benefícios obtidos.

Destarte, após a análise dos dados foi possível ratificar a hipótese de que alguns professores de lutas não eram Profissionais de Educação Física e que detinham seus conhecimentos através da formação pelas escolas de ofício. De fato a experiência que se adquire enquanto atleta é muito relevante para se tornar um futuro professor, contudo, não podemos descartar que a profissão está embasada no cunho científico e depende de conhecimentos específicos e especializados, não podendo assim amparar-se apenas no modelo artesanal e no empirismo. Ambas não devem ser compreendidas como modelos

opostos, tendo em vista que cada uma tem suas contribuições e ensinamentos e que estes vão se modificando e aperfeiçoando com o passar do tempo.

Por fim destacamos que essa pesquisa constituiu-se de um recorte da realidade. E, é possível ao término da mesma já apontar uma agenda para novas pesquisas, como: mapear as outras áreas da cidade de João pessoa.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, P. D; SOUZA, B.J. Jiu-jitsu: Uma abordagem metodológica relacionada à quebra de estereótipos. **RedFoco**. Rio Grande do Norte, vol.1, n.1, p. 67-82. 2014

AUGUSTO, R. T; NUNES V. A. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre: **Movimento**, 2007, v.13 p. 179-204.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: edições 70, 2002.

BETTANIM, M.R. *et alii*. A atividade de treinador de futebol no brasil: ofício ou profissão? **R. bras. Ci. e mov.** Brasília, v. 25, n.1, p.212-219

BOMPA, TUDOR O. **Treinando atletas de desportos coletivos**. Tradução de Juliana de Medeiros Ribeiro, Juliana Pinheiro de Soares e Silva. São Paulo: Phorte, 2005. Tradução de: Training the team sport athlete

BRASIL. Congresso Federal. Lei nº 9.696, de 1 de set. de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselhos Federal e regional de Educação Física. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, n. 168, 02 set. 1998. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/busca/?q=lei+9696%2F98>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BROUSSE, M. Judô, evolução e identidade. In: GUEDES, O. C. (Org). **Judô: evolução técnica e competição**. João Pessoa: Editora Idéia, 2001.

CAVAZANI, N.R. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô**: um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado em ciência da motricidade humana), Universidade Estadual de Paulista. Rio claro-São Paulo, 2012.

CASSELLA, Vinícius. **Debatedores divergem sobre exigência de diploma para mestres em artes marciais**. Disponível em: <[zttp://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias)> Acesso em: 20 de outubro de 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JITSU. **Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu**. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/hjj.htm>. Acesso em: 5 de nov. 2017.

CARTAXO, Carlos Alberto. **Jogos de combate**: atividades recreativas: Teoria e prática. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.

CARVALHO, M. C. G. A.; DRIGO, A. J. **O judô dentro do contexto da regulamentação da educação física**. Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 106, p. 1, 2007.

DAOLIO, J; VELOSO L, E. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Revista Pensar a prática**. Goiás, v,11, n 1, p. 9-16, jan./jun. 2008.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 15, n. 2, p.396-406, abr./jun. 2009.

DRIGO, A. J. **O judô do modelo artesanal ao modelo científico**: um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do Habitus. 2007. 250 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DRIGO, A. J. *et alii*. Artes Marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô brasileiro. **Motricidade**. Portugal, V. 7, n. 4 p. 44-62.

Franchini E. As modalidades de combate nos Jogos Olímpicos modernos. In: Moragas M. et al.,ed. *Universidad y estudios olímpicos: Seminários Espanha-Brasil 2006*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Centre d'Estudis Olímpics, Servei de Publicacions 2007;716-24.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na Educação Física escolar. **Rev. De Educação Física**, Fortaleza, n. 135, p. 36-44, nov. 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, F. R. F. *et alii*. Influência da formação em educação física em professores de judô. **Revista Sciece in Health**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 36-44, jan./abr. 2013.

GONÇALVES JÚNIOR, L.; DRIGO, A. J. A já regulamentada profissão Educação Física e as artes marciais. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 7, n. 2, p. 131-132, 2001.

KANO, J. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô**; com introdução de Yukimtsu Kano. Traduzido por Wagner Bull. São Paulo: Pensamento, 2008.

KANO, Jigoro. **Judô kodokan**. Traduzido por Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2008. 271 p.

MARCELLINO, N, C. Academias de ginastica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**. Brasília, V. 11, n. 2, p. 49-54, junho, 2003.

MATTOS, M. G; ROSSETT JUNIOR, A. J; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física**: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MEDEIROS, F.R.C. **O trato pedagógico do conteúdo luta nas aulas de Educação Física em escolas da rede estadual de Pernambuco**. 2013. P.183. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2013.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Considerações iniciais sobre o jiu-jitsu brasileiro e suas implicações para a prática pedagógica. In: Congresso Paulistano de Educação Física Escolar, 2009, Caraguatatuba. **Anais**. Caraguatatuba: CONPEFE, 2009a. CD ROM.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O jiu-jitsu brasileiro na visão dos não praticantes. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 9, n. 2, p. 181 – 188, 2010.

RUFINO, L.G.B. **A prática pedagógica das lutas nas academias de ginástica**. 2010. 184f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A pedagogia das lutas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.26, n.2, p. 283-300, abr/jun. 2012.

SANTOS, Sergio Luis Carlos dos. **Jogos de oposição: ensino das lutas nas escolas**. São Paulo: Phorte, 2012.

SAMUSKI, D. M; MENZEL, H. J; PRADO, L. S. **Treinamento Esportivo**. São Paulo, Manole, 2002

SILVA, M. F. G.; SOUZA NETO, S.; BENITES, L. C. A capoeira como escola de ofício. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 15, n. 4, p., 2009.

SILVA, Roseane Barros da. **A presença do conteúdo lutas nas propostas curriculares dos cursos de Educação Física do Estado da Paraíba**. Monografia (Monografia do Curso de Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. 63 f.

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. V.12 n. 2, p.111-119, jun. 2004

STEVENS, John. **Três mestres do budo**. São Paulo: Cultrix, 2007. 143 p.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários da prática: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, p. 1-24, jan./abr. 2000.

TRUSZ, R.; NUNES, A. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 179-204, jan./abr. 2007.

VALLO, A. G. **O trato com o conteúdo lutas nas aulas de educação física da rede municipal de ensino na cidade de João Pessoa**. 2014. 45f Monografia (Graduação em Educação Física) Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Paraíba, 2014.

ZANATTA, S.C.S. Comunidade Ribeirinha Barra de São Lourenço: um estudo heurístico sobre desenvolvimento local como projeto endógeno comunitário. 163f. Dissertação (Mestrado acadêmico) Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2011

## **Apêndices**

## Apêndice A -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre. “*A formação dos professores de jiu-jitsu das academias de ginastica da Cidade de João Pessoa-PB*” e está sendo desenvolvida por Adriano Galdino do Vallo, aluno do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Profa. *Dra. Laíse Gurgel Padilha*.

O objetivo do estudo é *analisar como acontece a formação dos professores que ministram as aulas de jiu-jitsu nas academias de ginástica da cidade de João Pessoa*. A finalidade deste trabalho é contribuir para *Educação Física visto que seus resultados poderão colaborar na qualificação da prática pedagógica dos professores das lutas*.

Solicitamos sua colaboração para o desenvolvimento do questionário, o qual é composto por questões pessoais e pedagógicas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no trabalho de conclusão de curso (TCC). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos para saúde, no entanto outros fatores podem ser vistos como: cansaço ou aborrecimento ao responder o questionário.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa  
ou Responsável Legal

Contato dos pesquisadores  
E-mail: [adriano\\_vallo@hotmail.com](mailto:adriano_vallo@hotmail.com)

---

Assinatura do pesquisador responsável

Comitê de ética CCS-UFPB Telefone: 3216-7175

## Apêndice B - QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES**

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR:**

Idade \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) M ( ) F

**1- Qual arte marcial pratica?** \_\_\_\_\_

**2- Quantos anos pratica?** \_\_\_\_\_

**3- Qual sua graduação?** \_\_\_\_\_

**4- Quanto tempo você é professor?** \_\_\_\_\_

**5- Qual sua formação?**

Fundamental            ( ) incompleto    ( ) completo

Médio                    ( ) incompleto    ( ) completo

Superior                ( ) incompleto    ( ) completo

Pós-graduado          ( ) sim              ( ) não

**6- Quantas horas semanais você trabalha como professor de jiu-jitsu?**

4h ( )    5h ( )    6h ( )    7h ( )    8h ( )    mais de 8h ( )

**7- Você possui outra profissão?**

Sim ( )    Não ( )    Se sim, qual? \_\_\_\_\_

**2. FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE JIU-JITSU NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA.**

**1- Para você a sua formação (anos de prática na modalidade) foi suficiente para ministra as aulas?**

Sim       Não

**2- Você acredita que as instituições que organizam as lutas (federações e confederações) podem ofertar (caso necessário) cursos que contribuam com a formação de professores? Justifique.**

---

---

---

---

**3- Você possui conhecimento sobre fisiologia, anatomia e treinamento desportivo? Justifique.**

---

---

---

---

**4- Você tem conhecimento sobre a gestão do treino? (Tempo de treino e organização das atividades). Como adquiriu este conhecimento?**

---

---

---

---

**5- Você tem conhecimento dos processos metodológicos e os métodos de ensino?**

---

---

---

## **Anexos**

**Anexo A – Carta de autorização do Comitê de Ética**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

**CERTIDÃO**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS/UFPB aprovou em *AD REFERENDUM*, face à exiguidade de tempo, o Projeto de Pesquisa intitulado: “**A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE JIU-JITSU DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA**”, da pesquisadora Laise Tavares Padilha Bezerra Gurgel de Azevedo. CAAE: 74748017.3.0000.5188

João Pessoa, 06 de novembro de 2017.

  
Andrea Márcia da C. Lima  
Mat. SIAPE 1117510  
Secretária do CEP/CCS-UFPB

---

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba  
Campus I – Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 – João Pessoa – PB  
☎ (83) 3216 7791 – E-mail: etica@ccs.ufpb.com

## GLOSSÁRIO

**Capoeira** é uma expressão cultural brasileira que mistura *luta*, dança, cultura popular, música. Desenvolvida no Brasil por escravos africanos e seus descendentes, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando os pés, as mãos, a cabeça, os joelhos, cotovelos (etc.)

**Muay Thai** (boxe tailandês) é uma luta originária da Tailândia, país do qual é o esporte nacional. Arte marcial com mais de dois mil anos de existência criada pelo povo tailandês como forma de defesa nas suas guerras e para obter uma boa saúde. Na Tailândia o Muay Thai também é conhecido *Luta da Liberdade* ou *Arte dos Livres*, pois foi com o Muay Thai que se protegeram dos povos opressores que tentavam conquistar seu território.

**Judô:** Caminho Suave. É um desporto praticado como arte marcial, fundado por Jigoro Kano em 1882. Os seus principais objetivos são fortalecer o físico, a mente e o espírito de forma integrada. Sua técnica utiliza basicamente a força e peso do oponente contra ele.

**Kung fu:** Sistema de luta desenvolvido na china. Pode significar “tempo e habilidade” ou “trabalho duro”, adquirido através de esforço e competência na luta corporal. Seus estilos surgiram das observação dos animais e de outras metodologias.

**Sensei:** professor

**Taekwondô:** Significa “caminho dos pés e das mãos”. O Taekwondô é uma arte marcial coreana que surgiu há cerca de dois mil anos. O espírito do taekwondô consiste nos princípios éticos de cortesia, integridade, perseverança, autocontrole e espírito indomável.

**Jiu-jitsu:** é uma arte marcial japonesa que utiliza golpes em articulações, como torções de braço, tornozelos e estrangulamento, para imobilizar o oponente. Inclui também golpes traumáticos e defesas pessoais.

**Caratê:** É uma arte marcial desenvolvida a partir do Kenpô chinês. O caratê é predominantemente uma arte de golpes, como pontapés, socos, joelhadas e cotoveladas golpes com a palma da mão aberta e bloqueio de articulações.